



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

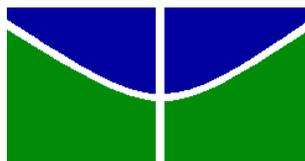
**AS CONCEPÇÕES DE ALUNOS, PROFESSORES E FAMÍLIA**  
**SOBRE O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA**  
**ESCOLA**

**Autora: Gabriella Costa Fontes**

**Orientadora: Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire**

**Brasília-DF**

**2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**AS CONCEPÇÕES DE ALUNOS, PROFESSORES E FAMÍLIA**  
**SOBRE O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA**  
**ESCOLA**

**Gabriella Costa Fontes**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

**Brasília-DF**

**2011**



Monografia de autoria de Gabriella Costa Fontes, intitulada “As concepções de alunos, professores e família sobre o papel da orientação educacional na escola” apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 9/12/2011, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

---

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Maria da Conceição da Silva Freitas – Examinadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Professora Carla Castelar Queiroz de Castro – Examinadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Professora Msc. Andreia Livia de Jesus Leão – Suplente  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Dedico este trabalho monográfico a Jesus Cristo, que é meu mestre, meu modelo, minha referência para todos os momentos e para todas as situações. E com seu exemplo e seu poder me dará forças para continuar a longa caminhada de educadora.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, sobre todas as coisas.

A minha família, em especial meu pai Arquimedes Fontes e minha mãe Tereza Cristina Costa Fontes, pelo amor, apoio, instrução, educação e modelo de toda minha caminhada escolar.

A minha tia Hipácia, pela dedicação e pelo empenho para me capacitar a estar em uma universidade pública. Obrigada por ser um modelo de uma verdadeira educadora.

A minha tia Ana Cristina, por ser o modelo de uma excelente profissional da educação e pelo incentivo nessa área. Obrigada por ser minha madrinha e educadora!

A todos os professores da Faculdade de Educação, por contribuírem para minha formação profissional.

Em especial à professora Sandra Ferraz, pela competência profissional e, além disso, pelo carinho, respeito, auxílio e orientação em todos os momentos.

A todos os integrantes da escola onde realizei esta pesquisa, que receberam muito bem a todos os procedimentos. E por me acompanharem durante todo o ano letivo, como companheiros de trabalho.

A todos os alunos da minha querida turma 4º D, que conviveram comigo durante esse trabalho e me fez vivenciar muito sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A todos meus amigos que me acompanharam e me apoiaram em toda minha trajetória profissional e pessoal, em especial a querida Erika Radespiel, um excelente exemplo e amiga de graduação. Também pela amada Verônica Cantalice, pelo incentivo e estímulo de que tudo daria certo. Pelas companheiras Karina Martins, Marcela Mendonça, Anne Caroline, Marielly, Ana Carolina Amaral e Janaina Teixeira, pois fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

E ao meu amado e futuro marido Diego Dantas, que tanto me compreendeu e esteve em todos os momentos caminhando ao meu lado, sendo um excelente apoio e companheiro.

“Na ausência do outro, o homem não se constrói homem”

Lev Vygotsky

## AS CONCEPÇÕES DE ALUNOS, PROFESSORES E FAMÍLIA SOBRE O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA ESCOLA

**Gabriella Costa Fontes**

**RESUMO:** O presente trabalho problematiza o trabalho efetivo da Orientação Educacional (OE) na escola no momento em que a categoria profissional, outrora amplamente amparada pela legislação nacional, foi extinta e as especificidades do trabalho pedagógico realizado por esse profissional, retiradas dos cursos de formação docente. Vistas a importância de conhecer as concepções atuais sobre a OE, a pesquisa objetivou identificar e analisar as concepções de alunos, professores e famílias sobre o papel da OE de uma escola de classe alta de Ensino Fundamental. A pesquisa empírica consistiu em entrevista individual com a orientadora educacional e entrevista coletiva com oito alunos; questionários com questões abertas a dez professores e questionário semi-estruturado a sete famílias dos alunos participantes. A análise contou com a construção de categorias a partir de cada procedimento empírico em função dos objetivos específicos. Foi possível identificar posicionamentos paradoxais quanto às definições e ao trabalho da OE, enquanto todos, de alguma forma, corroboraram para constatar a forte presença de concepções dominantes com relação ao trabalho específico desse profissional. Os resultados também permitiram discutir a relação entre as concepções da comunidade escolar sobre o trabalho da OE e sua prática e promover uma reflexão sobre as relações entre concepções e processos de tomada de decisão no trabalho pedagógico. A questão da resolução de conflitos e de problemas de indisciplina foi o tema mais emergente, mas deve ser apenas mais uma vertente da atuação do orientador dentro da escola. As demandas emergenciais, principalmente no que tange à sua ação como mediador de conflitos com relação aos alunos presente em todos os discursos, parece interferir com a função e com o tipo de trabalho de orientação educacional de caráter coletivo direcionado ao futuro.

**Palavras-chave:** Orientação Educacional. Concepções; Professores. Alunos. Família.

## STUDENTS, TEACHERS AND FAMILIES' CONCEPTIONS ABOUT THE ROLE OF EDUCATIONAL COUNSELING IN SCHOOL

**Gabriella Costa Fontes**

**ABSTRACT:** The present research addresses the actual Educational Counseling work in schools after the extinction of its professional category. The category was hardly supported by legislation but, new policies demanded suppression of the professional category, with consequences for the teacher education curriculum. Thus, there is a need to meet new conceptions about Educational Counseling. The research aims at identifying and at analyzing students, teachers and families' conceptions about the role of Educational Counseling in a wealthy community Elementary Education School in Brasilia, DF, within the from 1<sup>st</sup> thru 4<sup>th</sup> grades. Specific objectives are: identify Educational Counseling practices in school; identify and analyze the meaning of Educational Counselor's work for all subjects in school community; analyze the relationship between conceptions and practices; and to promote a reflection about these conceptions and the process of pedagogical decision making. Methodology comprised a complex procedure that counted with individual interview with Educational Counselor based on open questions; open questionnaire for ten teachers; semi-structured questionnaire for seven mothers; group interview with students. Analyses used categories that emerged from each methodological procedure. Results show paradox positions about definitions and about the practice of Educational Counselors. Empirical study enabled a theoretical reflection about the concept and the current status of Educational Counseling. While it was possible to observe research subjects share many conceptions, it provided hence about the need of a collective and planned pedagogical work. However, results show Educational Counselor remains trapped within a paradoxal position as a guardian of order and at the same time, in charge of promoting students socio-affective development. The study foresees that urgent demands, like conflict mediation, shall be only one of the aspects of Counseling work. But, the main duty must be a kind of pedagogical collective work towards the future.

**Key-words:** Educational Counseling. Conceptions; Teachers. Students. Family.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>LISTA DE QUADROS</b> .....   | 11 |
| <b>LISTA DE ANEXOS</b> .....  | 12 |
| <b>APRESENTAÇÃO</b> .....   | 13 |
| <b>I - MEMORIAL EDUCATIVO</b>   |    |
| Uma trajetória inesquecível.....  | 14 |
| <b>II - MONOGRAFIA</b>  |    |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 22 |
| <b>Capítulo 1. O CAMINHAR DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL</b>   |    |
| 1.1 Origens da Orientação Educacional.....  | 24 |
| 1.2 A Orientação Educacional no Brasil.....   | 27 |
| 1.3 A Orientação Educacional na atualidade.....   | 33 |
| 1.4 Pesquisas em Orientação Educacional.....  | 38 |
| <b>OBJETIVOS</b> .....  | 41 |
| <b>Capítulo 2. METODOLOGIA</b>  |    |
| 2.1 Caracterização do contexto da pesquisa.....   | 42 |
| 2.2 Sujeitos participantes.....   | 44 |
| 2.3 Procedimentos metodológicos e instrumentos.....   | 48 |
| <b>Capítulo 3. RESULTADOS E ANÁLISE</b>   |    |
| 3.1 Orientadora Educacional.....  | 50 |
| 3.1.1 Relação entre Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional.....                              | 50 |
| 3.1.2 Papel da Orientação Educacional na Escola.....  | 51 |
| 3.1.3 Espaço Físico exclusivo da Orientação.....  | 51 |
| 3.1.4 Percepção dos pais, alunos e professores.....   | 52 |
| 3.1.5 Relação com as famílias.....  | 52 |
| 3.1.6 Casos de atuação significativa da Orientação.....   | 53 |
| 3.1.7 Atendimentos às crianças.....   | 53 |
| 3.2 Professores.....  | 54 |
| 3.2.1 Sobre o trabalho da Orientação Educacional na escola.....                                       | 54 |
| 3.2.2 Definições de Orientação Educacional.....   | 55 |
| 3.2.3 Compreensão da relação entre o trabalho da Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional..... | 56 |
| 3.2.4 Relação da OE e trabalho docente.....   | 57 |
| 3.2.5 Casos de intervenção da Orientação Educacional.....   | 58 |
| 3.2.6 Relação da OE e a equipe diretiva.....  | 60 |
| 3.2.7 Conhecimento específico sobre Orientação Educacional.....                                       | 60 |
| 3.3 Família.....  | 61 |
| 3.3.1 Relação família e Orientação Educacional.....   | 62 |
| 3.3.2 Papel da Orientação Educacional na Escola.....  | 63 |

|  |           |
|--|-----------|
| 3.4 Alunos.....  | 63        |
| 3.4.1 Compreensão da relação entre o trabalho da Coordenação Pedagógica, da Orientação Educacional e dos Professores ..... | 66        |
| 3.4.2 Papel da Orientação Educacional na escola.....   | 66        |
| 3.4.3 Relação com as famílias .....  | 67        |
| 3.4.4 Atendimento às crianças .....  | 67        |
| 3.4.5 Aprendizagem x comportamento.....  | 67        |
| 3.5 Discussão dos Resultados .....   | 68        |
| 3.5.1 Sobre a atuação da Orientação Educacional na escola .....  | 68        |
| 3.5.2 Os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para cada segmento da comunidade escolar .....                     | 69        |
| 3.5.3 A relação entre as concepções da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e a sua prática ..... | 70        |
| 3.5.4 Reflexão sobre as relações entre essas concepções e os processos de tomada de decisão no trabalho pedagógico .....   | 72        |
| <b>Capítulo 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>74</b> |
| <b>III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....</b>  | <b>76</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>78</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>  | <b>80</b> |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Sujeitos Participantes da pesquisa .....                           | 45 |
| Quadro 2 – Caracterização dos professores e suas representações .....         | 46 |
| Quadro 3 – Mães participantes .....   | 47 |
| Quadro 4- Alunos .....  | 48 |
| Quadro 5- Como é o trabalho da OE .....                                       | 54 |
| Quadro 6- Como deveria ser o trabalho da OE .....                             | 55 |
| Quadro 7- Definição de OE e suas funções .....                                | 56 |
| Quadro 8 – Relação entre Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional..... | 57 |
| Quadro 9 – Interação entre professores e OE 1 .....                           | 57 |
| Quadro 10 – Situações de intervenção .....                                    | 58 |
| Quadro 11- Consequências da intervenção .....                                 | 59 |
| Quadro 12 – Interação entre professores e OE 2 .....                          | 59 |
| Quadro 13 – Relação entre OE e gestão escolar.....                            | 60 |
| Quadro 14- História da OE no Brasil .....                                     | 60 |
| Quadro 15 – Concepções da família sobre OE.....                               | 62 |
| Quadro 16 – Quadro geral da entrevista coletiva com estudantes.....           | 64 |

## LISTA DE ANEXOS

|  |    |
|--|----|
| Anexo 1 – Carta de apresentação à escola.....                      | 81 |
| Anexo 2– Termos de consentimento livre e esclarecido               |    |
| 2.1- Orientadora e Pais .....                                      | 82 |
| 2.3 – Alunos.....  | 83 |
| Anexo 3– Roteiro de entrevista com a orientadora educacional ..... | 84 |
| Anexo 4– Questionários destinado aos professores .....             | 85 |
| Anexo 5 – Ficha com dados dos professores.....                     | 86 |
| Anexo 6 – Questionários destinado às famílias.....                 | 87 |
| Anexo 7 – Roteiro de entrevista coletiva com os alunos.....        | 89 |

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho monográfico é decorrente da minha formação profissional em Pedagogia e do caminho percorrido para essa formação. O interesse pelas áreas da Psicologia e da Orientação Educacional se constituiu na caminhada. Enquanto a primeira possibilita compreender questões em relação à motivação e ao que instiga as pessoas a tomarem determinadas atitudes e decisões, a segunda materializa um campo que integra vários fatores, inclusive os aspectos emocionais e motivacionais de todos os integrantes da escola no processo de aprender e de se desenvolver. O problema que o conduz é a investigação das concepções de alunos, de professores e de pais do Ensino Fundamental de uma escola particular a respeito do papel da Orientação Educacional na escola. O trabalho compõe-se das seguintes partes:

I – MEMORIAL: Traça a trajetória educativa da pesquisadora desde os primeiros anos de vida até o desenvolvimento ao longo dos anos de formação universitária, incluindo a atuação profissional.

II – MONOGRAFIA: Possibilita uma reflexão teórica acerca do conceito, atribuições e realidade atual da Orientação Educacional. Propõe também uma reflexão acerca de uma pesquisa realizada em uma escola particular de classe média alta de Brasília-DF. Nesta pesquisa, identificou-se e avaliaram-se as concepções de professores, alunos e família sobre o papel da Orientação Educacional na escola e comparou esse trabalho com o trabalho real do orientador na escola, percebendo se esse trabalho condiz com a teoria relacionada com o tema.

III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: Apresenta as aspirações futuras da pesquisadora, tanto educativas quanto profissionais, após a conclusão do curso de Pedagogia.

## **MEMORIAL EDUCATIVO**

### **UMA TRAJETÓRIA INESQUECÍVEL**

#### **Educação Infantil**

Meu nome é Gabriella Costa Fontes, tenho 23 anos, nasci em Brasília no dia 29 de outubro de 1988. Meu pai se chama Arquimedes Fontes e minha mãe, Teresa Cristina Costa Fontes. Tenho dois irmãos, um de 13 anos e uma menina de dois anos. Ele se chama Galileu e ela, Ana Clara. Gosto de ajudar as pessoas e servir a Deus. Sou alegre, amiga, companheira, paciente, persistente, muito sincera, sou também muito exigente, perfeccionista e insistente. Na minha infância fui muito “paparicada” e muito bem cuidada por todos da minha família. Sou a primeira neta por parte de pai e mãe. Meus pais sempre se esforçaram para me dar o melhor possível, em termos materiais e educacionais. Eu fui uma criança muito feliz e muito bonita. Nunca tive problemas na minha infância, brinquei muito, diverti-me muito e aprendi muito também.

Minha vida escolar foi muito produtiva e importante para a formação do meu caráter. Comecei a estudar aos dois anos de idade em uma escola localizada em Brasília-DF. Essa instituição foi a que mais marcou minha vida. Foi muito acolhedora, humilde, pequena e possuía vários profissionais competentes. As professoras eram carinhosas e preocupadas.

Só me recordo de acontecimentos bons, das brincadeiras, das apresentações e das aulas de *ballet*. Eu sempre fui muito querida por todos de lá, tenho amigos com quem até hoje tenho contato. Fui alfabetizada e letrada com uma ótima base. Guardo no meu coração e na minha mente ótimas lembranças da minha escolinha feliz de que eu gostava tanto.

#### **Ensino Fundamental**

No ano de 1996, fui para outra escola, onde estudei da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental. Nessa escola fortaleci minhas antigas amizades e conquistei outros amigos. Foi uma fase muito importante, na qual aprendi muitos valores, como o da sinceridade, do amor, da compaixão, da honestidade, entre outros. Por ser uma escola católica, da 1ª à 4ª série, todos os dias nós cantávamos e fazíamos as orações, todos reunidos em um grande pátio. Esses momentos foram inesquecíveis para mim, pois até hoje conservo os valores que lá aprendi. Lembro-me das professoras, dos momentos de lanche em que sempre compartilhávamos com as nossas lancheiras e recordo-me também das brincadeiras. Em todo esse período em que lá

estive, fui uma ótima aluna, só tirava notas boas, era estudiosa, atenciosa, esforçada e amiga. Eu era uma aluna modelo que possuía um comportamento adequado e que obtinha notas exemplares.

Na 7ª série, mudei novamente de escola. Nesse novo lugar, conheci outras pessoas, inclusive uma grande amiga que até hoje é especial para mim. Pude vivenciar métodos de ensino diferentes, pois era uma realidade escolar bem diferenciada do que eu estava acostumada há alguns anos. Entretanto, não consegui me adaptar totalmente e preferi voltar para a antiga escola, pois estava sentindo muita falta de todos de lá. Então realizei minha 8ª série na escolar anterior e nela concluí o ensino fundamental. Nossa formatura foi maravilhosa com direito a baile, muita alegria e satisfação.

### **Ensino Médio**

No ensino médio, muitos amigos tiveram de se separar. Foi um momento difícil, pois cada um tinha que escolher qual escola iria prosseguir. Nesse período daquelas muitas amizades que eu tinha no começo da minha vida escolar, só restou uma amiga que realizou o primeiro ano do ensino médio comigo, as outras ficaram em turmas diferentes e em escolas diferentes e, com isso, nossa amizade nunca mais foi a mesma. Infelizmente o tempo distancia as pessoas, mas em compensação eu também pude fazer novas amizades e conhecer outras pessoas.

A seguir, fui para um colégio onde passei por uma fase difícil, pois o ensino era bem exigente e então passei a não obter notas tão boas como antes. Sentia-me angustiada por isso, meu autoconceito não era mais o mesmo e isso me abalou um pouco. Mesmo assim, fui aprovada e concluí o ano letivo sem ficar em recuperação nas disciplinas. Já no segundo ano do ensino médio, em 2005, fui para outro colégio.

Nessa nova instituição, cursei o segundo e o terceiro anos do ensino médio. Esses anos foram bem marcantes, pois fiz novas amizades. Lá só havia duas turmas de cada série e por isso, todos se conheciam. Participamos de gincanas, de festas, fizemos até uma viagem juntos. Éramos amigos de todos os professores e funcionários. Os professores nos prepararam para o vestibular e PAS/UnB. Todos eles dominavam os assuntos e também eram professores de cursinho pré-vestibular, então todo nosso currículo era voltado para essa temática, mas diferente das outras escolas não havia aquela famosa “pressão” do ensino médio para passar no vestibular, lá isso era mais tranquilo e bem trabalhado.

Adaptei-me ao ensino e continuei sendo uma boa aluna, não era considerada a melhor, mas sempre obtive notas boas que me garantiram aprovação sem recuperação em toda a minha vida escolar. Foi uma etapa muito especial para mim, por ser uma escola pequena que me proporcionou mais contato com as pessoas e isso lembrou a minha infância, uma vez que também estudei em escolas que não eram muito grandes. No final de 2006, conclui o ensino médio com as tradicionais comemorações de missa e baile de formatura.

No início do ano de 2007, fiz o vestibular da UnB e não passei por poucos pontos. Eu já havia feito as três fases do PAS 1, 2 e 3, mas eu não havia conseguido atingir a pontuação necessária para o curso de Pedagogia. Acredito que não passei por ficar muito nervosa nos dias das provas e isso me prejudicou bastante. Então, resolvi fazer um semestre de cursinho pré-vestibular para adquirir mais experiência e consegui me tranquilizar no dia da prova.

No começo fiquei na dúvida qual curso escolher, gostaria muito de fazer Psicologia ou algo que se envolvesse essa área. Então, como eu tenho uma tia que trabalha como professora na rede pública e é professora particular especializada em preparação para UnB, consegui ter um bom desempenho nesse processo. Fizemos as contas das minhas notas do primeiro PAS. Ela me aconselhou a fazer Pedagogia. Eu analisei, pensei, pesquisei e me interessei pela área. Tenho também outra tia que é pedagoga e ela me incentivou a fazer esse curso e mesmo sem saber muito bem do que se tratava eu aceitei fazê-lo.

Ainda no ano de 2007, no segundo semestre, consegui enfim passar no vestibular da UnB para Pedagogia. Foi uma felicidade tremenda, toda minha família ficou muito contente e orgulhosa, pelo fato que eu fui a primeira neta a entrar em uma universidade pública.

### **Ensino Superior na Universidade de Brasília**

Nesse mesmo período, realizei meu primeiro semestre na Universidade de Brasília (UnB). No começo era muito estranho, pela a realidade de uma universidade ser muito diferente da do ensino médio, mas logo fui me adaptando e gostei bastante do dia-a-dia da UnB. Conheci pessoas novas, professores, alunos veteranos e cursei cinco disciplinas, sendo que em apenas uma delas tive dificuldades e obtive uma menção “MM”. Fiquei bem chateada, mas praticamente toda a minha turma de calouros obteve essa menção.

Em uma disciplina chamada Projeto 1, pude conhecer um pouco da estrutura e da história da UnB. Isso foi importante, pois tive a oportunidade de me situar na universidade que eu estava inserida.

No ano de 2008 aconteceu uma mudança muito grande em minha vida quando meu pai se mudou para uma cidade do interior do Mato Grosso para se encontrar com minha mãe e meu irmão, que estavam lá há alguns meses. Fiquei um bom período morando sozinha e posteriormente morei com minha avó materna. Nesse ano, cursei dois semestres e nove disciplinas, todas com menções entre “MS” e “SS”. A grande maioria delas eram disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia e foram de extrema importância, pois tratavam de questões fundamentais, como a História da Educação; Educação Especial; Língua Materna; Organização e Gestão da Educação Brasileira; Pesquisa em Educação; Psicologia da Educação; Ciência e Tecnologia e o Projeto 2. Neste último, obtive conhecimento sobre o curso e sobre o que é Pedagogia. Além disso, foi ensinado como realizar uma pesquisa científica. Nesse período pude vivenciar um grande aprendizado, muitas disciplinas foram tranquilas, porém muito satisfatórias; outras foram mais rigorosas e trabalhosas, já que exigiram dedicação e um maior empenho, mas todas contribuíram para minha formação de maneira significativa.

Em 2009, vivenciei um momento muito importante para minha carreira. No primeiro semestre realizei seis disciplinas, com exceção de uma, todas as outras obtive menção SS. Dediquei-me bastante e consegui ótimos resultados, pois a maioria das disciplinas estavam relacionadas com temáticas que me chamavam atenção, a exemplo das disciplinas Educação Matemática, Orientação Educacional e Orientação Vocacional Profissional.

Nesse mesmo semestre, tive de escolher uma vertente da Pedagogia para iniciar o projeto 3, que é um fase em que orienta e direciona um caminho para uma área para o estágio supervisionado obrigatório da graduação. Uma questão que desde pequena me chamou atenção foi a questão do que motiva, do que instiga as pessoas a tomarem determinadas atitudes e decisões. Por isso, me interessei pela área da Orientação Educacional que trata de vários fatores, inclusive dos aspectos emocionais e motivacionais de todos os integrantes da escola. Em função disso, creio que é fundamental e enriquecedor o papel do orientador educacional na escola. Nesse sentido, surgiu o interesse para investigar se as concepções dos integrantes que compõem a comunidade escolar também reconhecem o valor e o atual papel da Orientação Educacional no contexto educacional. No Ensino Médio, tive a oportunidade de ter mais contato com a orientadora da escola e descobri que era algo muito prazeroso com o qual eu me identifiquei.

Por isso, nessa época, procurei a professora responsável por essa área para que eu pudesse fazer os Projetos 3 e 4. No entanto, infelizmente era o último semestre de trabalho

dessa professora tão experiente e tão dedicada. Por esse motivo, não houve projetos de estágios nesse semestre, até que a professora que iria substituí-la assumisse todas essas atividades acadêmicas. Então, eu optei por um projeto sobre o lúdico no contexto escolar com a professora Carla Castelar. A primeira fase do projeto foi fantástica, pois trabalhamos toda a teoria que retrata esse contexto escolar que contradiz com métodos tradicionais de educação. No segundo semestre de 2009, aconteceu algo que eu não planejava, mas que foi muito válido em todos os sentidos da minha vida.

Nesse período, minha família, que há um ano já morava longe de mim em uma cidade do interior do Mato Grosso, mudou-se para Curitiba-PR. Com isso, tive a oportunidade de voltar a morar com meus familiares durante um semestre. A mudança coincidiu com a gravidez da minha mãe, depois de 11 anos de diferença do meu irmão mais novo e 20 anos de mim. Fui autorizada pela UnB, com trancamento justificado para um programa chamado mobilidade acadêmica e me mudei para Curitiba para cursar um semestre na Universidade Federal do Paraná, UFPR. Chegando lá percebi o quanto a minha realidade acadêmica era diferente daquela universidade. Desde a estrutura física até a estrutura de currículo. Pude conhecer outra cultura, outra educação, escolas, métodos e professores diferentes.

Como fiquei um semestre por lá e à disposição dos estudos e da minha família tive a oportunidade de participar de muitas palestras, seminários e até um congresso internacional. Nesses eventos, pude conhecer um pouco da realidade do Paraná e de alguns métodos diferenciais que existem na cidade de Curitiba e em países internacionais, como a Espanha. Tive contato com um método exclusivo de ensino para meninos. Conheci a realidade da classe hospitalar e da educação especial de Curitiba, conheci, através de um projeto de extensão, a realidade de uma escola de ensino fundamental e médio de um bairro de periferia muito violento, onde foi proposta a reformulação do projeto político pedagógico em que eu pude participar.

Além desses eventos, participei de um total de 330 horas de disciplinas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. Parte dessa carga horária pôde ser substituída na Universidade de Brasília por algumas disciplinas como Tópicos Especiais em Educação Especial; Arte Pedagogia e Cultura; Ensino de História, Identidade e Cidadania; Educação em Geografia, entre outras. Houve também algumas disciplinas que não foram aproveitadas, mas que serviram de aprendizado e experiência.

Concluí o semestre na UFPR com aprovação em todas as disciplinas e com a satisfação de ter tido a oportunidade de vivenciar algo diferente na área da educação e

também como experiência de vida pessoal. Voltei no primeiro semestre de 2010 a Brasília e cursei cinco disciplinas, entre elas, a segunda fase do Projeto 3, sobre o lúdico no contexto escolar. Nessa segunda fase, fui praticar tudo o que aprendi na primeira fase do projeto em uma escola pública de Brasília-DF. Foi uma ótima vivência, pois atuei em uma turma de pré-alfabetização conhecida como jardim II da Educação Infantil.

Nesse mesmo semestre, tive uma triste experiência de ser reprovada em uma disciplina. Esse fato nunca havia acontecido em toda minha vida e eu só tive conhecimento da reprovação quando fui realizar minha matrícula no semestre seguinte. Como eu havia realizado todas as avaliações propostas pela disciplina eu não imaginava que isso iria acontecer. Devido a um trabalho realizado em dupla não obtive nota suficiente para minha aprovação.

Mesmo participando e cumprindo com a execução da minha parte neste trabalho, a minha companheira, que ficou responsável pela entrega do trabalho para o professor, resolveu não inserir meu nome na participação da tarefa. Por isso, o professor entendeu que eu não havia realizado aquela avaliação, então acabou me reprovando. E como eu não fiquei sabendo e só o procurei quando estava iniciando o outro semestre acabei reprovando. Após dois semestres, consegui refazê-la e obtive menção “SS”.

Fora essa experiência lamentável, o restante do meu semestre foi satisfatório, com menções boas e resultados muito bons de disciplinas que foram essenciais para minha carreira profissional. Já no segundo semestre de 2010, realizei cinco disciplinas e mais as duas fases do projeto 4. Foi um semestre extremamente trabalhoso e bem cansativo, mas pude obter bons resultados. Concluí todas as disciplinas obrigatórias do curso, realizei o estágio obrigatório do curso e também vivenciei outro estágio na Educação Infantil durante todo o ano de 2010.

Todas as disciplinas foram fundamentais e aprendi bastante. O estágio do projeto 4 foi realizado na área do letramento em um escola pública do ensino fundamental da Asa Sul da cidade de Brasília-DF. Não pude dar continuidade ao projeto do lúdico no contexto escolar, pois eu não possuía mais disponibilidade de horário por conta do outro estágio na Educação Infantil. Então, aprofundei meus conhecimentos na área da alfabetização e letramento, observando e regendo algumas horas em uma classe de alfabetização (1<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental).

O estágio nessa escola pública foi de suma importância. Por ter estudado em escolas particulares, eu não conhecia a realidade de uma escola pública. Então, aproveitei muito a oportunidade dedicando-me e observando como se dava o letramento daquela sala de aula.

Pude perceber como foi trabalhado o letramento durante alguns meses em que estive presente naquela escola e aplicar algumas aulas que envolviam atividades de letramento. Nesse contexto e com essa temática realizei o projeto 4, estágio obrigatório, sob a orientação da professora Stella Maris Bortoni, que é uma grande especialista nessa área.

Em uma escola particular, paralelamente, realizei um estágio em uma turma de maternal da Educação Infantil. Durante todo o ano letivo trabalhei com crianças de 3 e 4 anos. Nessa escola, aprendi muito com a professora regente e principalmente, com as crianças. Foi uma experiência marcante que me fez conhecer e refletir sob outra realidade que é a Educação Infantil. Gostei muito dessa modalidade e reconheci na prática como essa fase da infância precisa de muitos cuidados, não só físicos, mas também pedagógicos.

No primeiro semestre de 2011, realizei apenas disciplinas optativas. Tive a oportunidade de construir um hipertexto educativo sobre folclore, sendo algo inovador na minha vida. Todas essas disciplinas optativas foram importantes para que eu percebesse que existem outros meios de educar, não só o modelo tradicional, mas também por meio da tecnologia e de outras técnicas.

No segundo semestre de 2011 e último semestre de Pedagogia, realizei quatro disciplinas também optativas e o Projeto 5 (TCC). Exerci função de monitora da disciplina Psicologia da Educação pela segunda vez consecutiva e finalizei uma tutoria do Reuni da disciplina O Educando com Necessidades Especiais, na qual eu exerci durante dois anos via *moodle* (plataforma virtual).

O projeto 5 não foi continuidade do meu estágio obrigatório, pois não consegui nenhuma orientadora nesta área. Tive o desejo de continuar no tema do letramento, por já ter uma pesquisa e uma vivência neste tema, mas não foi possível. Todas as professoras com quem eu entrei em contato e com as quais eu tinha interesse para serem minhas orientadoras do trabalho final responderam de forma negativa ao meu pedido por motivos acadêmicos e por falta de tempo para se dedicarem a mais essa função.

A falta de uma orientadora foi um grande motivo de preocupação nessa fase final do meu curso, porém com o auxílio de uma professora e de Deus tive uma ótima ideia e um grande desejo de trabalhar um tema que desde o princípio do curso gostaria de ter trabalhado que é a Orientação Educacional. Então essa querida professora aceitou minha ideia e aceitou ser minha orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso.

Durante todo o ano de 2011, realizei algumas disciplinas da Psicologia, como Psicologia da Aprendizagem, Psicologia da Personalidade, Psicologia da Infância e Psicologia

Social na Educação. Anteriormente também fiz Introdução à Psicologia que me proporcionou um bom panorama da Psicologia no geral e aumentou o meu interesse nessa área que está tão associada com a Pedagogia em todas as suas vertentes.

Neste ano de 2011, também iniciei um estágio não obrigatório em uma das melhores escolas privadas de Brasília-DF no Ensino Fundamental. Atuei em uma sala de 4º ano (antiga 3ª série) como professora assistente. Aproveitei o meu tema do Trabalho de Conclusão do Curso e realizei minha pesquisa, de forma empírica, nessa mesma escola do estágio. A experiência de vivenciar em uma sala de aula de ensino fundamental também foi essencial para que eu pudesse experimentar um pouco dessa outra modalidade de ensino.

Finalizo, assim, minha trajetória escolar com o meu memorial educativo, o que me proporcionou ótimas lembranças, reflexões sobre a minha própria vida e sobre o meu processo de aprendizagem até o presente momento. Finalmente, a nossa educação é fruto da nossa relação com o outro e isso se reflete no que somos e para onde vamos. Quanto à importância da função do orientador educacional na escola, é necessário verificar se há um reconhecimento de todos os integrantes da escola em relação ao trabalho da Orientação Educacional e qual a é visão e o sentido desse trabalho para essa comunidade escolar. Sendo assim, proponho-me a verificação dessas questões para esse trabalho monográfico.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho retrata as concepções de alguns protagonistas da comunidade escolar de uma escola de classe alta de Ensino Fundamental a respeito do papel da Orientação Educacional na escola. É de suma importância verificar essas concepções atuais da Orientação Educacional, pois esse ramo variou suas funções no decorrer dos tempos. A escola precisou redefinir seu papel e criar novos serviços, por conta das mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas na sociedade brasileira. Com isso, houve um aumento na participação de outros profissionais no contexto escolar, sendo assim, a escola começou a compartilhar com as famílias e acabou assumindo, gradativamente, a responsabilidade pelo desenvolvimento não só escolar do aluno, mas de cuidados físicos, sociais, emocionais, morais, vocacionais e profissionais.

De acordo com a necessidade urgente para responder às demandas do desenvolvimento pessoal e social do aluno, a Orientação Educacional insere-se no intuito de complementar a instituição escolar. Responsável por complementar ao processo ensino-aprendizagem e com atuação cada vez mais essencial, a Orientação Educacional possui natureza não docente, mas sim técnica e pedagógica que, exercida no ambiente escolar, tem por meta auxiliar o processo de educação dos alunos.

Com essa transformação, hoje, a Orientação Educacional possui um caráter diferenciado e, com isso, faz-se importante conhecer se as concepções de pais, alunos, professores sobre o atual papel da Orientação Educacional está coerente de fato com essa nova realidade de atribuições.

Com toda trajetória da Orientação Educacional e sua execução atual, este trabalho de Conclusão de Curso possui como problematização: qual a relação entre a visão da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e o trabalho da Orientação Educacional na escola? Quais são os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para a comunidade escolar? Verificar a relação entre a visão dos integrantes da escola e o real trabalho do orientador educacional, pois significa perceber se o entendimento dessa função coincide de fato com tais atribuições. Além disso, independente da relação entre conceito e prática é imprescindível analisar o sentido do trabalho do orientador educacional para os participantes do processo educacional.

O objetivo geral é identificar e analisar as concepções de alunos, professores e famílias sobre o papel da Orientação Educacional na escola. Já os objetivos específicos são: identificar a atuação da Orientação Educacional na escola; identificar e analisar os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para cada segmento da comunidade escolar; analisar a relação entre as concepções da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e a sua prática; e promover uma reflexão sobre as relações entre essas concepções e os processos de tomada de decisão no trabalho pedagógico. Para isso, foi organizado um conjunto de procedimentos empíricos de forma a envolver múltiplas perspectivas, incluindo a orientadora educacional, professores, alunos e pais.

O trabalho foi organizado através da apresentação do capítulo 1 com a exposição do referencial teórico a respeito das origens, trajetória e papel atual da Orientação Educacional no Brasil. Depois, no capítulo 2, o trabalho apresenta a metodologia da pesquisa realizada em uma escola particular de Brasília-DF, onde participaram pais, alunos, professores e orientadora educacional. Posteriormente, está exposto no capítulo 3 o resultado e a análise dos dados dessa pesquisa e por fim, no capítulo 4, estão relatadas as considerações finais de todo esse trabalho monográfico e para finalizar, se encontram as referências bibliográficas e os anexos.

# CAPÍTULO 1

## O CAMINHAR DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Para entender qual a relação entre a visão da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e o trabalho desta na escola e também qual é o sentido do trabalho desse ramo para a comunidade escolar, é preciso expor e analisar toda a origem, a trajetória histórica e o papel da Orientação Educacional no Brasil. Com isso, o trabalho pretende analisar as concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação na escola de acordo com todo o referencial teórico desse setor da educação.

### 1.1 Origens da Orientação Educacional

Na humanidade, desde o começo dos tempos, sempre existiu a necessidade das gerações anteriores transmitirem instrução e socialização para as novas gerações. Para Garcia (1991) “A escola em todos os tempos, em todas as sociedades, seja qual for o sistema, sempre tem uma função muito clara – a de transmitir para as novas gerações o conhecimento acumulado pelas gerações que as antecederam.” (p.13). Portanto, a questão principal da escola é a socialização do conhecimento.

Podemos dizer, de um modo geral, que a orientação teve início nos primórdios da humanidade, sendo *realizada* pelos pais, pelos membros mais velhos da família, pelos chefes da tribo, pelos chefes religiosos etc. É bem verdade que a orientação, nessa época, era feita assystematicamente, empiricamente, e apenas num sentido: o *orientador* é quem guiava, ditava as regras, comandava, era o *dono* absoluto da verdade. (NÉRICI, 1992, p.26).

Nesse intuito, utilizou-se a educação e a orientação informal e, depois de algum tempo, foi estabelecida uma educação formal via escolarização. Segundo Giacaglia & Penteado (2010) nos primeiros tempos e até nos dias atuais em algumas civilizações menos sofisticadas, toda a socialização era feita de maneira informal, sendo que dentro dos parâmetros de tradições bem estruturadas a educação era circunscrita ao ambiente familiar ou próximo a ele.

Ao buscarmos o conceito etimológico de educação, encontraremos nos vocábulos latinos, tanto *educare*, como em *educere*, as fontes iniciais de origem histórica da própria Orientação; em outras palavras, quando estamos identificando o conceito de educação, encontramos explicitamente o conceito de educação. Assim é que em *educare* temos guiar, nortear, orientar o indivíduo; e em *educere*, o buscar as potencialidades do indivíduo, no sentido de fazê-las vir de “dentro para fora”. Identificamos, dessa forma, uma estreita relação da Orientação com a educação, fazendo com que suas histórias sejam coincidentes. (GRINSPUN, 2006, p.21).

Entende-se que educação está diretamente relacionada com a orientação, tanto nas origens informais, através das instruções dos mais experientes, quanto na inserção da formalidade, no contexto escolar. E, além disso, o próprio conceito da palavra educação está explícito o significado de orientar e guiar o indivíduo. Sendo assim, é possível acreditar que orientação e educação são intrínsecas.

Segundo Nérici (1992), os objetivos da orientação também estão relacionados aos objetivos gerais da educação. “A orientação educacional, ao estabelecer uma relação de ajuda, auxilia os indivíduos no exercício de suas opções básicas e conscientes, levando-se em conta sempre os valores, normas, ideias, costumes do grupo a que o indivíduo pertence.” (p.27). Porém, isso não significa que a orientação não possui seus próprios objetivos. Na medida em que ela ajuda ao sujeito a se compreender, a compreender o outro e o meio, ela exerce funções de caráter educativo.

As sucessivas maneiras que a sociedade empregou para o provimento da educação formal foram mudando com o correr do tempo, adaptando-se a transformações sócio-político-econômicas na própria sociedade. Tais transformações traziam em seu bojo novas ou diferentes necessidades prioritárias, às quais a educação foi sendo chamada a satisfazer. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p. 4).

Tanto o processo de educação quanto o de orientação eram relacionados a apenas uma pequena parte dos educandos. Depois de um certo tempo, a educação se desvinculou da esfera da família, sendo transferida ao âmbito institucional e, assim, atingindo mais alunos. Em função disso a educação precisou ser repensada, pois naquele momento ela estaria centrada na instrução de mais alunos.

De acordo com Pinto (2003), existem dois conceitos de educação, o de educação restrita e o de educação ampla. O significado restrito se refere à pedagogia clássica, convencional e sistematizada. Entende-se pelas práticas planejadas, realizadas com propósito e objetivos direcionados a um fim e que, com o advento da instituição escolar, passou a se

realizar dentro delas. “[...] refere-se à educação às fases infantil e juvenil da vida do ser humano.” (p.29). Não devendo, portanto, limitar-se somente a esses aspectos. Já em sentido amplo, está relacionado com a existência humana em todo o tempo e em todos os aspectos.

Entende-se como a dimensão cultural da educação aquela que é realizada por todas as sociedades como forma de perpetuar e renovar suas culturas; é um processo social amplo e acontece desde o nascimento de forma não planejada e assistemática. “A educação é um processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses.” (p.29). Ainda segundo o pensamento do autor, a educação é um fato existencial, um fato social, um fato de ordem social, um fenômeno cultural, um fato de ordem consciente, uma mobilidade de trabalho social e de essência concreta. Ou seja, a educação está sempre se modificando. Por ser criada pelo homem para a sociedade, ela se transforma à medida que a própria sociedade evolui.

Nesse contexto de transformação da sociedade e de novas necessidades em que a educação também precisou se modificar, houve vários acontecimentos que influenciaram a reformulação da educação. Dentre eles existem dois fatos marcantes na história da sociedade em geral, mas também da educação escolar e que levaram ao surgimento da Orientação Educacional, São elas: a Revolução Industrial e a implantação da educação compulsória.

A Revolução Industrial provocou a necessidade de formação de mão de obra especializada, isso resultou na retirada de muitos adultos de suas casas e, por esse motivo, eles não puderam mais zelar pelo cuidado pessoal de seus filhos.

Pode-se dizer que o advento da Orientação Educacional está ligado ao advento da era industrial, que afastou os pais de casa para a fábrica, ficando os filhos sem aquele apoio e supervisão que anteriormente tinham no lar. (NÉRICI, 1992, p.21).

Em consequência, as crianças passaram a ser cuidadas por terceiros. De acordo com Giacaglia & Penteado (2010), “[...] a solução foi agrupar os educandos em números cada vez maiores, em instituições formais e especializadas para que os pais pudessem se dedicar às novas formas de trabalhos, em novos locais.” (p. 4).

A implantação da educação compulsória para todas as crianças se deu a partir de 1890 nos Estados Unidos da América e foi se intensificando até a década de 1930. Para Giacaglia & Penteado (2010), no âmbito escolar, esse movimento gerou a necessidade de as escolas aumentarem sobremaneira o número de alunos e se prepararem para atender a uma população

heterogênea, nos aspectos físico, mental, socioeconômico e étnico, ao contrário do que era antes.

Embora a educação, desde os primórdios da civilização, sempre pressupusesse orientação, de tal forma que, por estarem ambas intimamente associadas, ficaria difícil nessa época, separar uma da outra ou diferenciá-las, a Orientação Educacional apenas iria surgir, formalmente e no ambiente escolar, após e por causa da Revolução Industrial. No novo cenário que se delinearía a partir dessa importantíssima revolução, a Orientação Educacional tornou-se essencial para à nova educação. Entretanto, ela agora retornaria de maneira diferenciada, explícita, profissional e com novas finalidades. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p.6).

Através desses acontecimentos, a OE (Orientação Educacional) passaria a suprir novas necessidades. Com isso, ela passou a se identificar e ser restrita à OVP (Orientação Vocacional Profissional) sendo exercida no ambiente escolar. Nesse período, a OE tinha como finalidade selecionar e treinar alunos para as novas formas de trabalho. Todo seu procedimento era direcionado para a questão da escolha profissional ou ocupacional. A OE teve início apenas em fins do século XIX. Segundo Giacaglia & Penteado (2010) “Ela surgiu primeiramente em São Francisco e em Boston, nos EUA, e a seguir na França, estendendo-se mais tarde a outros países, inclusive ao Brasil.” (p. 6).

A concepção que a Orientação Educacional tinha configurava-se no aconselhamento que marcou significadamente toda sua trajetória. Ela surge no contexto mundial como fruto de movimentos existentes na época, que fizeram eclodir tal prática. São os movimentos em prol da psicométrica, da revolução industrial, da saúde mental, e das novas tendências pedagógicas que impulsionam a Orientação Educacional. (GRINSPUN, 2006, p.21).

Mesmo estando na condição de atrelamento à Orientação Vocacional Profissional (OVP), a OE foi aos poucos seguindo sua própria vertente. Sua área de atuação cresceu para que houvesse a inclusão de outros tipos de orientação aos alunos, agora não só relacionada com a OVP. Para Giacaglia & Penteado (2010) dessa forma, a OVP passou a ser somente uma das vertentes de área de atuação da OE, sendo assim até os dias atuais. Segundo Grinspun (2006), a expressão Orientação Educacional foi empregada pela primeira vez em 1912, em Detroit nos Estados Unidos da América. A característica básica era atender à problemática vocacional e social dos alunos de sua escola.

## **1.2 A Orientação Educacional no Brasil**

A orientação educacional surgiu no Brasil na década de 20, em 1924, na cidade de São Paulo, por meio de Roberto Mange, um engenheiro suíço, com o intuito de orientar profissionalmente os alunos matriculados no curso de mecânica (Grinspun, 2006). A OE surge, então, em mais uma época marcada por transformações sociais, econômicas e políticas. Influenciada pela Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, com seus ideais libertários e contestadores de uma realidade marcada por desigualdades sociais.

[...] a OE no Brasil também teve, em suas origens, um escopo bastante pragmático e limitado-o da Orientação Vocacional e Profissional. Por este motivo, ela também teve início circunscrito a apenas uma de suas áreas atuais, que, se bem que importante, é insuficiente para o atendimento das inúmeras instâncias em relação à qual o escolar necessita de apoio na escola. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p. 20).

Segundo Grinspun (2006), “Em 1931, Lourenço Filho criou o primeiro serviço público de Orientação Profissional no Brasil, que depois prosseguiu no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, tendo sido extinto, entretanto, em 1935.” (p.22). O Serviço de Orientação Profissional e Educacional, de Lourenço Filho ainda apresentava um caráter profissional e vocacional. De acordo com Nérici (1992), “O objetivo maior deste ‘serviço’ era guiar o indivíduo na escolha do seu lugar social pela profissão.” (p.21). Porém, ele não durou muito tempo por motivos políticos e mesmo foi afastado do cargo. A partir de 1933, o serviço de OE passou a funcionar junto ao Serviço de Psicologia Aplicada da Diretora-Geral do Ensino de São Paulo, sendo então lançada oficialmente a OE nesse estado e em todo o país.

Para Nérici (1992), durante muito tempo existiram escolas brasileiras com um sistema empírico de orientação. Entretanto, a implantação da orientação educacional que mais marcou foi realizada por Aracy Muniz Freire, no Rio de Janeiro. “Registravam-se iniciativas isoladas, em reduzido número de escolas e outras instituições, mas foi na Escola Amaro Cavalcanti que realmente se instalou o primeiro serviço de orientação educacional, em 1939.” (p.28). De acordo com Giacaglia & Penteado (2010), “Assim pode ser caracterizada a OE no Brasil nas décadas de 1920 e início de 1930. Nesse período, não se pode dizer que não havia OE no Brasil, mas também não se tinha o suficiente para alegar sua existência de fato” (p.22). Nessa época não havia muito conhecimento nessa área, nem ao menos legislação. Apenas no início na década de 40, por meio de um decreto, surge a nomenclatura referente à orientação.

A expressão “Orientação Educacional”, empregada para designar um serviço auxiliar da escola, aparece pela primeira vez, na legislação federal, no Decreto-lei nº 4.073, de 30-1-42 ( Lei orgânica do Ensino Industrial), vindo a seguir o de nº 4.424, de 9-4-42 ( Lei orgânica do ensino secundário) e, depois, o de nº 6.141, de 28-12-43 (p.22). (NÉRICI, 1992, p.22).

Também na década de 40, exatamente em 1940, foi publicado o primeiro livro sobre a OE. Ele foi escrito por Aracy Muniz Freire com o título *A Orientação Educacional na escola secundária*, publicado pela Editora Nacional. No entanto, apenas em 1942 a OE aparece inserida na legislação federal brasileira, por meio da Lei Orgânica do Ensino Industrial formulada entre 1942 e 1946.

Pode-se dizer, portanto, que no início da década de 1940 havia suporte legal. Percebia-se a importância e a necessidade, acompanhava-se, até *in loco*, a existência e o bom funcionamento da OE nos EUA, mas não havia recursos humanos em número suficiente e com formação adequada necessária para dar cumprimento às leis vigentes. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p.24).

Mesmo com a legislação em vigor, o Brasil não conseguiu sustentar essa área da educação, pois ainda não havia formação profissional específica para esse cargo e muito menos recursos financeiros. De acordo com Grinspun (2006), “O Brasil foi o primeiro país no mundo a ter a Orientação Educacional proclamada obrigatória através de documento legal.” (p.23). Isso reforça a precariedade em todos os aspectos da Orientação Educacional nesse período. Ela era direcionada, entretanto, para o trabalho a ser desenvolvido com os alunos considerados problemáticos dentro das instituições de ensino, reforçando com isso, a moralidade vigente naquela época. Ainda segundo Grinspun (2006) o orientador era visto como o “ajustador”, ou seja, sua função era ajustar o aluno à escola, à família e à sociedade.

Em 1945, foi aberto o primeiro curso oficial para a formação de orientadores educacionais, no Brasil. Ele foi criado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas- SP. Para Giacaglia & Penteado (2010) a OE não foi de fato implementada nas escolas “Uma série de circunstâncias contribuiu para essa situação. Entre elas, certamente, a falta de profissionais aptos para o preenchimento das vagas que seriam abertas, por força e para o atendimento da legislação.” (p.23).

No início da década de 50, foi realizado o primeiro concurso para provimento de cargo efetivo de orientadores educacionais. Foram aprovados apenas 21 candidatos, o que resultou na preocupação com a formação da OE, por partes de autoridades do ensino. Já o primeiro

simpósio de OE aconteceu em São Paulo, no ano de 1957, sobre a implantação da OE nas escolas médias.

Em 1958, por meio da Portaria de nº 105 do MEC, foi enfim regulamentado o exercício da função de orientador educacional no Ensino Secundário. A partir de então, passou a ser exigido o registro para o exercício da função de orientador. Já em outubro de 1959, o Decreto nº 47.038 tratou da Orientação Educacional e Profissional do Ensino Industrial em um capítulo referente à OE exercida dentro dessas escolas. (Giacaglia & Penteado, 2010). Para Nérici (1992), “O conceito de orientação educacional continua pouco preciso, prevalecendo a ideia ampla de auxílio para os problemas escolares.” (p.30).

Como pode ser deduzido da extensa legislação sobre OE, bem como da movimentação das autoridades do ensino e dos orientadores educacionais, nessa década, era grande a importância atribuída à OE, e, também, era percebida a necessidade de melhor instrumentalizar os orientadores educacionais a fim de que pudessem ter melhor preparo, e maior segurança, no exercício de suas funções. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p. 27).

Na década de 60 o número de profissionais formados nessa área ainda era insuficiente, sendo o primeiro registro dessa profissão fornecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), apenas na década de 1960. Já em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi inserida na legislação brasileira. Nela foi incluído um capítulo, em que era ressaltado a formação de orientadores educacionais para o ensino primário e secundário. De acordo com Nérici (1992):

Além de ratificar a obrigatoriedade da instituição da orientação educacional (que ela denomina de educativa), destacou o aspecto vocacional da mesma. Este passo decisivo para a implantação da orientação educacional encontrou inúmeras dificuldades, destacando-se a falta de pessoal devidamente habilitado para o exercício da profissão. (NÉRICI, 1992, p.30).

A LDB/61 relacionava a orientação educacional à esfera do atual ensino médio. Como naquela época essa etapa da educação básica era considerada como profissionalizante, a orientação educacional fazia-se necessária, uma vez que os alunos necessitavam de um direcionamento nesse aspecto. Segundo Grinspun (2006), “O orientador respondia, na escola, pelo estabelecimento de um ‘clima educativo’ que propiciasse ao aluno a consecução de seus objetivos educacionais, conforme a lei proclamava.” (p.26).

Em 1964, foi criado o primeiro curso de formação de orientação para o ensino primário no Rio de Janeiro. Em 1968 surge a Lei 5.540, que regulamenta a profissão do orientador educacional, ampliando com isso as funções deste, principalmente na linha psicológica, alçando-a a esfera do desenvolvimento integral do indivíduo. Também em 1968 a Lei 5.564 provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.

Esta lei estabelece:

- a) O objeto da orientação educacional (o educando);
- b) Os tipos de atuação do orientador (individualmente e em grupo);
- c) O local de atuação do orientador (escolas de nível médio e primário);
- d) Os fins da orientação educacional:
  - Desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade do aluno;
  - Ordenação e integração dos elementos que exercem influência na formação do educando;
  - Preparação do educando para o exercício das opções básicas.

Observa-se que a orientação neste período é conceituada como uma atividade intencional sistemática experimental e com métodos objetivos próprios. (NÉRICI, 1992, p.31).

A década de 1960 contou com o apoio da legislação, em relação à formação dos orientadores educacionais e regulamentação dessa profissão. Nesse período houve também grande apoio das autoridades educacionais, mobilização e atividade por partes dos orientadores educacionais em exercício (Giacaglia & Penteado, 2010). Porém foi na década de 70 que a Orientação Educacional atingiu seu ápice no Brasil. Os congressos e encontros ocorreram em diferentes estados do Brasil. Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus tornou obrigatória a existência da Orientação Educacional nas escolas, sem a distinção entre essas escolas.

Segundo Nérici (1992), a Lei nº 5.692 de 1971 fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Essa lei instituiu a obrigatoriedade da orientação, o que permitiu uma educação sempre voltada para o desenvolvimento do País. “Art. 10. Será instituída, obrigatoriamente, a Orientação Educacional, incluindo Aconselhamento Vocacional, em cooperação com os professores, a família e a comunidade.” (p.32). Isso significa que o orientador educacional era o responsável pela articulação entre escola, família e comunidade, também pela preparação para o trabalho (Garcia, 1990). Outro marco importante foi o Decreto-lei 72.846/73 que determinou as atribuições do orientador educacional: “[...] confirmou o caráter psicológico da Orientação, mantendo a conceituação de tal área, mais

uma vez, em uma visão individualista e pessoal, comprometida com os que necessitavam de uma ‘orientação’ revestida de um aconselhamento psicológico.” (p.27).

Ao final da década de 1970 ainda havia muita atividade profissional dos orientadores educacionais e das respectivas associações. Um bom número de alunos dos cursos de Pedagogia das Faculdades de Educação procurava habilitação em Orientação Educacional. Havia também orientadores educacionais atuando em escolas públicas.” (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p.34).

A década de 80 foi uma época de grandes avanços, mudanças e contradições. Por parte dos orientadores houve uma reflexão maior sobre seu papel social. Para Grinspun (2006), “Os orientadores assumem um papel mais político e mais comprometido com as causas sociais.” (p.29). Ou seja, o papel do orientador está relacionado com as mudanças sociais da época, através do seu questionamento, do seu modo de percepção do mundo e da sua valorização dos conteúdos que serão transmitidos aos alunos, sendo instrumentos que permitem transformar a sociedade.

A década de 80 apresentou os eventos mais significativos para os orientadores educacionais, uma profissão surgida em 1968 e cujos eventos promovidos vieram demonstrando um movimento de afirmação e negação de seus pressupostos básicos. Enquanto a classe teve necessidade de afirmar-se teoricamente para que sua prática fosse legitimada, começou a buscar identidade própria, rompendo com as *benesses* do MEC; CADES, em especial nos eventos da classe. (GRISNPUN, 2006, pp.28 e 29).

O início da década de 90 foi marcado pela extinção da Federação Nacional de Orientadores Educacionais (FENOE) no ano de 1990. Essa entidade foi criada em 1966, em Porto Alegre, no II Encontro Nacional de Orientadores Educacionais. Porém, o fato mais marcante dessa década diz respeito à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Lei nº 9.394/96) que não constou mais a obrigatoriedade da existência da Orientação Educacional nas escolas. No entanto, o artigo 64 diz que a formação de profissionais de educação para orientação educacional na educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, garantindo nessa forma a base comum nacional.

Segundo Giacaglia & Penteado (2010), a Orientação Educacional foi desaparecendo das escolas por consequência da nova legislação, que não deixou claro quais seriam as atribuições do orientador educacional e quem seria o profissional adequado para ser responsável por certas atribuições da escola que seriam referentes à orientação. Nesse

contexto, surgiu a figura do coordenador pedagógico, um profissional que se encarregaria de assuntos relativos ao processo de ensino-aprendizagem e, por isso, trabalharia com os docentes.

Por motivos provavelmente de ordem política, econômica e; ou por desconhecimento, os sistemas e as escolas, passaram a atribuir ao coordenador pedagógico funções que seriam da alçada e da competência do orientador educacional. Hipoteticamente, no entender das autoridades, poderia ser considerada suprida a necessidade do orientador educacional com a contratação de um coordenador pedagógico. Na prática, entretanto, tal não veio a ocorrer dessa forma. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p.48).

Nas escolas particulares, a transferência de funções do orientador para o coordenador até hoje é uma realidade muito comum. Para Giacaglia & Penteado (2010), em inúmeras escolas particulares, por motivo de ordem econômica, deveriam contar com pelo menos um orientador educacional, porém, esse profissional não existe. Muitas vezes, nessas escolas existem outros profissionais atuando em funções que seriam dos orientadores educacionais. “Essas escolas costumam utilizar um coordenador pedagógico que acumula, indevidamente, as duas funções, ou, o que é mais comum, um professor mais experiente que exerce ambas”. (p. 48).

Todo esse contexto de uma realidade de escolas públicas e particulares contribui para a desvalorização do orientador educacional e, conseqüentemente, a diminuição do mercado de trabalho para essa profissão. Além disso, de acordo com Giacaglia & Penteado (2010) “A profusão de leis tratando de Orientação Educacional, que caracterizou as décadas anteriores, deu um lugar vazio legislativo sobre o assunto.” (p.49).

Desde os tempos mais remotos a orientação desempenha funções muito semelhantes às quais possui atualmente. A princípio, a grande preocupação do homem primitivo dizia respeito à sua sobrevivência [...] Nas sociedades primitivas o homem, sentindo-se impotente, frágil, diante de um mundo adverso, agressivo, imutável, colocou como centro de suas preocupações, sua sobrevivência e adaptação do mundo. Nesse contexto, a orientação visava ao auxílio recíproco entre as pessoas do grupo, dando-lhes condições de sobrevivência individual e grupal. (MARTINS, 1984, p.24).

### **1.3 A Orientação Educacional na atualidade**

Segundo Giacaglia e Penteado (2010), apesar de sua curta trajetória histórica, não há uma definição tão permanente e consensual sobre Orientação Educacional. Porém, para Nérici

(1992) a Orientação Educacional é um trabalho em conjunto de todos os membros da escola, coordenados por um orientador e juntos ao educando. Ela tem o intuito de, assim como a educação no geral, tornar esse educando um cidadão consciente, eficiente e responsável, da melhor forma possível e sob todos os aspectos, tendo como base sua realidade biopsicossocial e uma atividade profissional para integrá-lo na sociedade. Penteado e Giacaglia citam a definição de Orientação Educacional de Penteado (1976):

Um processo sistemático, contínuo, complexo; é uma assistência profissional realizada através de métodos e técnicas pedagógicas e psicológicas, que levam o educando ao conhecimento de suas características do ambiente sociocultural, afim de que possa tomar decisões apropriadas às perspectivas maiores de seu desenvolvimento pessoal e social. (PENTEADO, 1976, p. 55).

Quando nessa definição pressupões que a OE é um processo sistemático significa dizer que deve haver em cada escola um planejamento anual envolvendo toda realidade escolar, inclusive em relação às atividades da OE. De acordo com Lück (2008), o planejamento da Orientação Educacional resulta em delinear o seu sentido, os seus rumos, a sua abrangência e as suas perspectivas de atuação. “O planejamento cuidado e acurado de suas ações possibilita ao orientador educacional obter maior e melhor controle de circunstâncias e de situações, em vez de ser controlado por elas.” (p.38).

Mediante uma prática pedagógica planejada, o orientador educacional poderá:

1. Construir e estabelecer a relevância de seu trabalho;
2. Garantir a natureza peculiar da prática da Orientação Educacional;
3. Estabelecer uma imagem positiva da Orientação Educacional;
4. Dar à prática profissional um caráter sistemático e contínuo;
5. Demonstrar a importância e relevância da Orientação Educacional para o desenvolvimento da prática pedagógica da escola como um todo.

Esses aspectos devem, no entanto, ser considerados no escopo da concepção de que o planejamento adequado e que efetivamente contribui para a superação de condições limitadas da realidade, em vez de negá-las, ou contrapô-las a uma ótica idealizada da realidade, considera-as dialeticamente. (LÜCK, 2008, p.38).

O planejamento envolve uma visão global sobre a natureza da educação, da Orientação Educacional e de suas possibilidades de ação. Por isso, se faz necessário a utilização do planejamento para auxiliar, nortear e dar continuidade ao trabalho do orientador educacional.

De acordo com Nérici (1992), “Os princípios que devem nortear os trabalhos da Orientação Educacional devem ser normas gerais orientadas para uma ação positiva e construtiva junto ao educando” (p.43). Para Martins (1984), a Orientação Educacional deve reconhecer e respeitar a dignidade e o direito de escolha do educando. Ela é um processo de relação de ajuda, ou seja, produto de uma relação interpessoal realizada de forma organizada que proporciona ao educando oportunidades para o amadurecimento, em momentos em que ele precisa fazer opções, autoconhecer-se e assumir responsabilidades.

Na realidade, a OE possui vários princípios. Segundo Lück (2008), “Os princípios da Orientação Educacional traduzem uma política de ação dessa área que deve permear todos os seus atos e momentos (p.64)”. Para ela, a OE é um processo dinâmico, sistemático, contínuo e integrado em todo currículo da escola; é um processo cooperativo em que todos os educadores devem assumir papel ativo; é também um processo de assistência direta ou indireta direcionado a todos os educandos.

As funções da OE, de acordo com Lück (2008), estão inseridas em dois grupos, nomeados por funções de organização e funções de implementação, que se caracterizam como sendo duas dimensões de um mesmo processo, em que uma é complemento da outra. As funções de organização dizem respeito a todas as ações que possuem o objetivo de preparação, ordenação, provisão, sistematização e retroalimentação. “Enfim, referem-se a todos os esforços despendidos nas organizações das ações de ajuda e transformações pretendidas” (p.19). Dentre elas estão o levantamento de dados, o planejamento e a avaliação.

As funções de implementação se referem a todas que possuem finalidade de promover uma transformação no contexto pedagógico ou de realizar uma relação de ajuda. “Isto é, elas se orientam para produzir algum resultado em relação a algum segmento da instituição pedagógica, ou nela como um todo; a grupos de pessoas ou a pessoas individualmente consideradas (p.22)”. São exemplos de funções de implementação o aconselhamento, o acompanhamento, a coordenação, a consultoria, o encaminhamento e a orientação em grupo.

A função da Orientação Educacional se explica na medida em que ela considera os aspectos organizacionais do sistema escola e os processos de educação, de ensino e de aprendizagem que aí são realizados. [...] À Orientação Educacional cabe analisar os significados, as possibilidades e as ocorrências de ambos aspectos da realidade escolar: o organizacional e o dos relacionamentos humanos; das situações de ensino e das de auto-edificação. Ao proceder dessa forma, ela estará orientando o processo educacional do sistema organizacional da escola e estará auxiliando o processo de desenvolvimento realístico do educando. (BICUDO, 1978, p.102-103).

O trabalho do orientador está relacionado com o cotidiano escolar que é fruto do movimento da sociedade local e também mundial. Para Grinspun (2006), “Ele procura explicitar as contradições, a partir de uma realidade concreta, provendo articulações necessárias, as mediações possíveis, para que possamos ter uma educação mais justa, mais solidária e democrática.” (p.34). Giacaglia & Penteado (2010) afirmam que:

O orientador tem seu trabalho voltado principalmente para o bem-estar e a felicidade dos alunos matriculados na escola onde desempenha todas suas funções. Ele se interessa pelo aluno como um todo, não apenas como um ser que deva ser adequadamente ensinado e que se deva aprender. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p.60).

A Orientação deve estar compromissada com a qualidade da educação que se deseja. De acordo com o Decreto 72.846/73 o orientador educacional possui as seguintes atribuições:

**Art. 8º** São atribuições privativas do Orientador Educacional:

a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

1 - Escola;

2 - Comunidade.

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o ao processo educativo global.

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando.

e) Coordenar o processo de informação educacional e profissional com vista à orientação vocacional.

f) Sistematizar o processo de intercâmbio das informações necessárias ao conhecimento global do educando.

g) Sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial.

h) Coordenar o acompanhamento pós-escolar.

i) Ministras disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específicas do ensino.

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

l) Emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional.

(DECRETO 72.846/73)

As atribuições do orientador ainda se baseiam na legislação de 1973. Além disso, a Orientação Educacional hoje também possui um caráter mediador em conjunto com os demais educadores da escola e atuando com eles no intuito de uma ação mais efetiva e de uma

educação de qualidade. No geral o orientador deve estar comprometido com a formação da cidadania do aluno, tanto no individual quanto no coletivo. Para Grinspun (2006):

[...] o orientador tem espaço próprio junto aos demais protagonistas da escola para um trabalho pedagógico integrado, compreendo criticamente as relações que se estabelecem no processo educacional. O orientador, mais do que nunca, deve estar atento ao trabalho coletivo da escola, atuando harmoniosamente com os demais profissionais da Educação; o trabalho é interdisciplinar. (GRINSPUN, 2006, p.31).

A concepção de Orientação Educacional atualmente deve estar comprometida com a construção do conhecimento integral do aluno; com a realidade concreta da vida dos alunos, sendo esses os atores de sua própria história; com a responsabilidade do processo educacional na formação da cidadania; com a atividade realizada na prática social, tendo em vista que o conhecimento se dá no coletivo; com a diversidade da educação, submersos nos atos da escolha e da decisão do indivíduo; na construção da rede de subjetividade que é tecida em diferentes momentos; no planejamento e na efetivação do projeto-político-pedagógico da escola em termos de sua finalidade. (Grinspun, 2006).

O principal papel da Orientação será ajudar o aluno na formação de uma cidadania crítica, e a escola, na organização e realização de seu projeto pedagógico. Isso significa ajudar nosso aluno “*por inteiro*”: com utopias, desejos e paixões. A escola, com toda sua teia de relações, constitui o eixo dessa área da Orientação, isto é, a Orientação trabalha na escola em favor da cidadania, não criando um *serviço de orientação* para atender excluídos (do conhecimento, do comportamento, dos procedimentos etc.), mas para atendê-los, através das relações que ocorrem (poder-saber, fazer-saber) na instituição Escola. (GRINSPUN, 2006, p.33).

Em sua evolução histórica, a Orientação Educacional assumiu diferentes formas de atuação. De acordo com Giacaglia & Penteado (2010), “Desde suas origens, no início do século XX, a OE passou por várias mudanças.” (p.10). Todas essas mudanças se caracterizam em quatro momentos diferenciados de atuação da OE. Primeiramente, como já foi dito, a Orientação Educacional possuía um caráter totalmente pragmático, estando muito relacionada com a Orientação Vocacional Profissional, exercida dentro das escolas.

Em um segundo momento a OE adquiriu um caráter corretivo ou terapêutico. Devido à inserção de todo aluno na escola, em consequência da Revolução Industrial e dos movimentos de educação compulsória, que não conseguia acompanhar o processo de ensino-aprendizagem

da escola. Por isso, a OE passou a ser responsável pelo acompanhamento desses alunos que não conseguiram se adaptar ao meio escolar. (Giacaglia & Penteado, 2010).

No terceiro momento, o caráter da OE além de ser corretivo, passou a ser também preventivo. Segundo Giacaglia & Penteado (2010), “Percebeu-se que não só seria necessário como também mais eficaz prevenir comportamentos indesejáveis do que esperar que se manifestassem para, depois, corrigi-los.” (p.11). Já no quarto momento, houve algumas transformações sofridas pela OE. Com a mudança dos sistemas autoritários, de educação para os sistemas mais democráticos, que se apropriava de concepções de caráter mais humanista da criança e do adolescente, “[...] em lugar de se esperar que os alunos se adaptassem à escola, esta teve de se adaptar ao novo tipo de clientela.” (p.11).

Quando a sociedade e a escola passaram a ver o aluno como um ser em desenvolvimento, com características próprias, com direitos, e não mais como mera mão de obra, a corrente de Psicologia privilegiada para fundamentar o trabalho do orientador educacional também passou a ser outra; não mais aquela que interessada pelas diferenças entre as pessoas, ou aquela outra que procura medir objetivamente tais diferenças, mas uma Psicologia que estuda o desenvolvimento humano para tornar o ser humano mais adaptado e feliz, isto é, a Psicologia do Desenvolvimento. (GIACAGLIA & PENTEADO, 2010, p.13).

A percepção do trabalho da Orientação Educacional acrescenta algo muito diferenciado do que sempre havia sido exercido. No último e atual momento da Orientação Educacional, a escola precisa entender todo o contexto em que se insere o aluno e deve trabalhar em cima dessas questões para que o aluno se desenvolva e aprenda. Não deixando de assumir todos os outros segmentos anteriores, como a área da Orientação Vocacional Profissional, que também ainda é exercida dentro das escolas; a responsabilidade pelo tratamento dos alunos que possuem dificuldades de se adaptarem ao meio escolar; e ao trabalho preventivo de atuar de forma a evitar comportamentos indesejáveis do aluno. Sendo assim, percebe-se que é bem amplo o papel da Orientação Educacional na atual sociedade e na moderna educação. Nesse intuito, algumas pesquisas na área da OE expressam algumas dessas concepções e o sentido dessas atribuições na realidade escolar.

#### **1.4 Pesquisas em Orientação Educacional**

Na busca por definir a atuação da Orientação Educacional, o seu espaço e a sua função na escola e na sociedade, inserimos um contexto geral de duas pesquisas científicas em Orientação Educacional. A primeira pesquisa foi publicada no “Congresso Internacional de Pedagogia Social” no ano de 2006, pela mestra em educação Santis. A pesquisa possui o título “A prática do pedagogo orientador educacional no ensino público do Distrito Federal: em rede social”. O universo desse estudo envolveu pedagogas/orientadoras educacionais que possuem práticas de natureza diversas, com isso foi necessário o tecimento de uma rede social de ajuda mútua. A pesquisa é definida como qualitativa, onde foram realizadas entrevistas de forma aberta e não dirigida, isto é, sem questões rigidamente prefixadas, assim privilegiando o pesquisado.

Os resultados da investigação revelou que o exercício de uma profissão é feito de movimentos contraditórios, de avanços e recuos, na forma de concebê-la e, portanto, de exercê-la. Pode-se afirmar que dependendo do contexto havia a predominância de uma concepção e forma de ação entre os profissionais. A pesquisadora concluiu nessa pesquisa que o orientador educacional está encaminhando as soluções para os problemas que se apresentam em seu cotidiano por meio de uma rede social porque não se coloca como o único que pode pesquisar possíveis soluções. Ele tece um envolvimento com os familiares, os professores, as áreas de saúde, o serviço social, etc. A pesquisadora considerou também que o conceito de orientação educacional modificou-se com o tempo, mas não modificou a essência da orientação que é ajudar o outro no seu projeto de *vir-a-ser*. O pedagogo orientador educacional tem um compromisso explícito com os valores políticos da educação.

A segunda pesquisa foi publicada pela Universidade de São Carlos no ano de 2007, pela graduada em Pedagogia Cazela, através de um trabalho monográfico de um estudo de caso, com o título de “A teoria e a prática da Orientação Educacional: um estudo de caso”. O objetivo geral desse trabalho foi investigar possibilidades e limites de atuação de um orientador educacional. A pesquisadora entende esse profissional como aquele que está comprometido com os alunos, e de modo geral, com toda a escola e a comunidade, sempre tendo que “esclarecer” qual sua intenção de trabalho e quais os benefícios de sua atuação. Os objetivos específicos são: Entender como alguns autores descrevem a função do orientador educacional; verificar a realidade vivenciada por uma profissional que atua em uma escola particular (perspectiva prática); observar e elencar as possibilidades na prática cotidiana da orientadora educacional em questão numa escola particular de São Carlos em São Paulo.

Na metodologia utilizou-se da observação direta e constante da atuação da orientadora da escola; da análise do planejamento escolar e regimento interno e de entrevistas com professores e coordenadores. Com a observação do cotidiano da Orientação Educacional de uma escola da cidade de São Carlos que atende da pré-escola ao terceiro ano do ensino médio. A pesquisadora constatou a importância de um profissional da área para o bom funcionamento da escola, assim como um melhor aprendizado de seus alunos. No caso específico da orientadora observada percebeu-se que ela acumulava muitas funções, dificultando assim um trabalho de orientação mais amplo. Concluiu-se que o papel do orientador estaria muito mais relacionado a promover reflexões na escola a respeito de seus alunos e professores, das suas relações, dos problemas encontrados na escola e na sua comunidade escolar, do currículo e dos objetivos encontrados no Projeto Político Pedagógico que, muitas vezes, não são nem do conhecimento dos que dela participam.

Assim como essas pesquisas, não encontramos pesquisas que trouxesse para o debate das definições e concepções de Orientação Educacional e seu trabalho, da visão da família, nem dos alunos. Porém, toda visão é multidimensional e precisa de investigação dos agentes envolvidos de uma forma ampla, por isso, a presente pesquisa buscou analisar as concepções dos principais atores participantes do contexto educacional de uma escola.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Identificar e analisar as concepções de alunos, professores e famílias sobre o papel da Orientação Educacional na escola.

### **Objetivos específicos**

- Identificar a atuação da Orientação Educacional na escola;
- Identificar e analisar os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para cada segmento da comunidade escolar;
- Analisar a relação entre as concepções da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e a sua prática;
- Promover uma reflexão sobre as relações entre essas concepções e os processos de tomada de decisão no trabalho pedagógico.

## **CAPÍTULO 2**

### **METODOLOGIA**

O intuito do trabalho é identificar e analisar as concepções de alguns participantes do contexto da escola sobre o trabalho da Orientação Educacional, perceber quais são os sentidos desse trabalho para cada participante escolhido e também relacionar as concepções analisadas com a prática da Orientação Educacional em uma escola particular de Brasília-DF.

De acordo com Gil (1999), “Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” (p.42). Para que uma pesquisa seja realizada é preciso definir um método a ser seguido. O método é definido como um percurso para se chegar a determinado fim. “E o método como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.” (p.26).

Neste trabalho monográfico, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Segundo Gonsalves (2001), “A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.” (p.68). Portanto, entende-se que a pesquisa qualitativa representa uma abordagem mais completa para compreender a significação da temática tratada. Em relação ao nível da pesquisa social, é classificada em pesquisa exploratória. Para Gil (1999), “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato.” (p.43). A finalidade desse tipo de pesquisa é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias de um determinado assunto com o intuito de formular de problemas ou hipóteses para estudos posteriores.

A presente pesquisa foi realizada no próprio campo de trabalho da pesquisadora e, por isso, os resultados foram muito produtivos para a própria atuação profissional. Em função disso, o processo de escolha dos procedimentos e a ajuda da orientadora educacional da escola foram fundamentais.

#### **2.1 Caracterização do contexto de pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental, de natureza particular, localizada em Brasília, que atende atualmente 501 alunos, em sua grande maioria de classe média alta, provenientes das áreas mais nobres de Brasília. A escola funciona no período matutino, com treze turmas, em média, 25 alunos por turma, divididas entre os anos iniciais do nível fundamental (1º ao 5º ano). E no período vespertino, com onze turmas, em média 20 alunos por turma.

A escola tem 19 professoras regentes responsáveis pelas disciplinas curriculares: De Português, Matemática, História, Geografia e Ciências; oito professores do programa ou projeto “Vivendo e Aprendendo” (V.A.) encarregados das atividades lúdicas diárias, como xadrez, circo, informática, artes plásticas, artes cênicas, música, dança e esporte e lazer; quatro professores das aulas específicas como educação física, inglês, francês e educação bíblica; e os dois professores do projeto *Mind Lab* (Mente Inovadora), sendo que um também é professor de xadrez (uma das atividades do V.A.). O *Mind Lab* é um projeto realizado por uma organização especializada em sistemas de aprendizagem que objetiva trabalhar habilidades nas crianças utilizando-se de jogos apropriados para cada faixa etária e que estimula o desenvolvimento global da criança. Para cada nível escolar é desenvolvida uma habilidade específica que desenvolve os aspectos cognitivos, sociais, ético e emocional. Esta aula é ministrada uma vez por semana por outro professor, no horário do V.A. Cada turma conta também com uma professora assistente, com exceção dos alunos com alguma especificidade educacional especial que possuem uma assistente exclusiva.

A escola investe na construção e manutenção do vínculo familiar por meio da Orientação Educacional. Sempre que algum fato mais complicado ocorre na escola, as famílias são comunicadas e, quando necessário, a família é chamada para conversar. Há, inclusive, um planejamento de Orientação Educacional que define a proposta do Serviço de Orientação Educacional como:

O Serviço de Orientação Educacional propõe um processo educacional organizado, dinâmico e contínuo. Atua com o educando, por meio de técnicas adequadas às diferentes faixas etárias, com a finalidade de orientá-lo na sua formação integral, levando-o ao conhecimento de si mesmo, de suas habilidades e dificuldades oferecendo-lhe elementos para um ajustamento harmônico ao meio escolar e social em que vive.

De acordo com esse documento, o Setor de Orientação Educacional (SOE) deverá, em suma, cooperar e informar o professor e auxiliá-lo na tarefa de compreender o comportamento

das turmas e do aluno em particular; atrair os pais para participarem do contexto da escola; integrar pais, professores e filhos; prevenir situações de dificuldade; promover condições que favoreçam o desenvolvimento do educando; incentivar a confiança e cooperação dos educandos; desenvolver atividades de hábitos de estudo e tratar de assuntos atuais e de interesse dos alunos fazendo integração junto às diversas disciplinas.

Em relação aos professores, o SOE possui o objetivo específico de descobrir o modo de trabalho de cada docente; procura auxiliar na hora de fazer escolhas e treinar para a auto-avaliação; orienta e reflete a respeito das dificuldades apresentadas pelo aluno; assessora o professor no acompanhamento e compreensão da turma; avalia e encaminha as relações entre os alunos e a escola; analisa junto à coordenação o resultado do que foi planejado nas diversas disciplinas; realiza atendimentos individuais no SOE para fornecer ou receber informações necessárias dos alunos; analisa e avalia os resultados quantitativos e qualitativos dos alunos, das turmas junto à coordenação pedagógica para posteriores encaminhamentos.

Junto às famílias dos alunos o objetivo é propiciar aos pais o conhecimento de características do processo de desenvolvimento da criança, refletir com os pais o desempenho de seus filhos na escola e fornecer as observações sobre a integração social do aluno na escola e realizar reuniões.

Por fim, junto ao aluno pretende-se realizar atendimentos individuais e coletivos, sempre que for necessário, para análise e reflexão de qualquer problema encontrado; incentivar o aluno a identificar suas potencialidades, características básicas de personalidade e limitações, preparando-o para futuras escolhas e esclarecer quanto às regras no que diz respeito ao cumprimento das normas do colégio. Há, ainda, um trabalho de prevenção que se resume a estudar o rendimento dos alunos, avaliar os resultados do processo ensino-aprendizagem, adequando-os aos objetivos educacionais e coordenar o processo de sondagem de interesses e aptidões e habilidades do educando.

## **2.2 Sujeitos participantes**

Com a intenção de dar visibilidade ao contexto da escola, contemplando diferentes perspectivas sobre o trabalho da orientação educacional, a presente pesquisa envolveu, por amostra, todos os segmentos (Orientação, Professores, Família e Alunos). De acordo com Gil (2008), “Quando um pesquisador seleciona uma pequena parte de uma população, espera que ela seja representativa dessa população que pretende estudar.” (p.99). A pesquisa contou com

a participação primeiramente da orientadora educacional, depois dos professores, em seguida da família, com a representação das mães e, por último, a participação dos alunos. Todos os participantes eram do turno vespertino. Os alunos selecionados se dividiram em alunos que frequentam a OE e alunos que não frequentam; todos eles foram devidamente selecionados pela orientadora educacional, sem a interferência da pesquisadora. Os professores foram selecionados eram do turno vespertino. E os pais, foram escolhidos em decorrência dos alunos participantes. O quadro abaixo mostra o total de sujeitos participantes da pesquisa:

**Quadro 1: Sujeitos participantes da pesquisa**

| <b>Participantes</b>      | <b>Descrição</b>                               |
|---------------------------|--|
| 1 Orientadora Educacional | Responsável pelo SOE                           |
| 10 Professores            | 7 regentes de sala e 3 professores específicos |
| 8 Alunos                  | 4 que frequentam o SOE e 4 que não frequentam  |
| 8 Mães                    | Dos alunos participantes                       |
| <b>Total: 27</b>          |  |

*Fonte: dados da pesquisa*

a) A **orientadora educacional** possui graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, possui conhecimentos e experiência dentro da área de educação especial e já atuou no cargo de coordenadora em outra escola. Está na escola pesquisada há quase um ano. Ela trabalhava em outra escola, em outro estado. Porém se adaptou muito bem e domina a realidade da escola onde trabalha atualmente. Essa profissional lida com vários diagnósticos dos alunos especiais, casos judiciais, diversos casos de indisciplina e de situações de conflitos. Além de sujeito de pesquisa, a Orientadora Educacional participou como mediadora no processo de comunicação e articulação dos outros sujeitos que participaram da pesquisa. Ela também contribuiu na seleção de alguns dos alunos participantes de acordo com a disponibilidade da família indicando alunos que frequentavam o serviço de orientação. Foi realizada uma entrevista individual com a orientadora educacional utilizando um roteiro de entrevista (Anexo 3).

b) Todos os **professores** do turno vespertino foram convidados a participar. De um total de 15 professores, 10 responderam ao questionário (Anexo 4) e a ficha de informações gerais (Anexo 5). Uma caracterização geral dos professores foi possível a partir da ficha preenchida por eles.

**Quadro 2: Caracterização dos professores e suas representações**

|              | <b>Formação Profissional</b>                          | <b>Tempo de Docência</b> | <b>Concepções do trabalho da OE em três palavras:</b>   |
|--------------|---|--------------------------|---|
| Professor 1  | Letras Português – Inglês                             | 05 anos                  | Trabalho escola, comunidade e família.                  |
| Professor 2  | Pedagogia   | 04 anos                  | Necessário para aluno, para o professor e para família. |
| Professor 3  | Pedagogia   | 07 anos                  | Importante, sério, parceria.                            |
| Professor 4  | Pedagogia   | 04 anos                  | Parceria, comunicação e formação.                       |
| Professor 5  | Educação Física                                       | 05 anos                  | Essencial, profissional e complementar.                 |
| Professor 6  | Pedagogia   | 11 anos                  | Parceria, confiança e troca.                            |
| Professor 7  | Pedagogia   | 13 anos                  | Importante.   |
| Professor 8  | Pedagogia   | 16 anos                  | Intervenção, apoio e parceria.                          |
| Professor 9  | Licenciatura em Matemática e Pedagogia                | 13 anos                  | Parceria e acompanhamento.                              |
| Professor 10 | Administração com Habilitação em Análises de Sistemas | 6 meses                  | -   |

*Fonte: dados da pesquisa*

Do questionário aplicado foram retiradas as principais informações relacionadas a cada pergunta. As 10 perguntas presentes resultaram em quadros sistematizados referentes a cada uma. Os quadros analisados apresentam o número de respostas X e o número de participantes, onde cada participante poderia responder, em uma única consideração, mais de um item relevante para aquela reposta e por consequência, com mais de uma participação em itens do quadro referente. Desse quadro percebe-se que a Orientação Educacional é definida, em maioria pelos professores, como parceria.

c) A **família**, Mães dos alunos participantes, tomaram parte na pesquisa por meio da aplicação de um questionário semi-estruturado (Anexo 6), que foi enviado para casa via agenda escolar pelas professoras regentes. No entanto, somente as mães das crianças selecionadas responderam ao questionário.

As informações obtidas por meio das questões objetivas resultaram em um quadro analítico que organiza informações sobre duas categorias básicas: a relação família com a OE e a compreensão do trabalho da OE. Os sujeitos respondentes foram organizados em dois grupos: grupo controle (que não frequenta a OE) e grupo de intervenção (que frequenta).

Verificamos que, de acordo com a qualidade das respostas do questionário da Mãe 7, não apresentou o cuidado e atenção esperados ao responder o instrumento. As questões abertas não foram respondidas e, na maioria das questões fechadas, ela sinalizou a coluna “Não Sei”. Por isso, na análise do quadro, algumas considerações não levaram em conta a resposta desse sujeito.

Outra consideração importante é que a mãe 3 foi selecionada para responder por uma de suas quatro filhas que não frequenta a Orientação Educacional. Porém ela possui mais outros três filhos na escola, que por dificuldades de aprendizagem frequentam a orientação. Com isso, suas respostas estão de acordo com sua percepção e envolvimento com a orientação de uma forma geral, contando com a participação dos quatro filhos.

**Quadro 3: Mães Participantes**

|       | <b>Idade</b> | <b>Filhos na escola</b> |
|-------|--------------|-------------------------|
| Mãe 1 | -            | 1                       |
| Mãe 2 | 36 anos      | 4                       |
| Mãe 3 | 48 anos      | 1                       |
| Mãe 4 | 43 anos      | 2                       |
| Mãe 5 | 41 anos      | 1                       |
| Mãe 6 | 32 anos      | 1                       |
| Mãe 7 | 38 anos      | 1                       |

*Fonte: dados da pesquisa*

d) No geral foram selecionados 12 **alunos** para participar das entrevistas. Entretanto, dois deles não foram autorizados pelos pais para participar e mais três não devolveram o termo de consentimento livre e esclarecido nem o questionário respondido pelos pais. Então, no total foram quatro alunos considerados com presença frequente na orientação e três alunas sem presença frequente que participaram dessa pesquisa. Formaram-se dois grupos para entrevista coletiva: um grupo foi composto pelos alunos que não frequentam o SOE e o outro formado de alunos que frequentam o SOE com certa regularidade. Utilizou-se um mesmo roteiro de entrevista com questões compatíveis com os objetivos de pesquisa (Anexo 7). No primeiro grupo, que não frequenta a OE, a entrevista foi realizada com sucesso e rapidez na sala de reuniões com duração de 8 minutos e 40 segundos, onde participaram apenas meninas. Um dia depois foi realizada entrevista com o outro grupo, que frequentam a OE, com a participação apenas de meninos; o local de realização foi o auditório da escola. O decorrer da entrevista foi bem mais difícil e um pouco mais demorado, com duração de 12 minutos e 52 segundos.

**Quadro 4: Alunos**

|         | Ano | Frequenta a OE |
|---------|-----|----------------|
| Aluno 1 | 4º  | Não            |
| Aluno 2 | 4º  | Não            |
| Aluno 3 | 5º  | Não            |
| Aluno 4 | 4º  | Sim            |
| Aluno 5 | 4º  | Sim            |
| Aluno 6 | 3º  | Sim            |
| Aluno 7 | 3º  | Sim            |

*Fonte: dados da pesquisa*

### 2.3 Procedimentos metodológicos e instrumentos

Todos os procedimentos obtiveram assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. O primeiro procedimento foi a entrevista individual com a orientadora educacional sobre qual era o seu entendimento sobre o conceito da Orientação Educacional, qual o papel dela como orientadora dentro da escola, em quais aspectos a OE auxilia o aluno no processo de ensino-aprendizagem, qual é a relação da orientação com as famílias, professores e alunos. De acordo com Gil (1999) como uma técnica na qual o pesquisador e apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas com o objetivo de obter dados que sejam válidos para a pesquisa. “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.” (p.117). Isso significa que a entrevista é uma técnica muito eficiente para obtenção de dados referentes a todos os aspectos que o pesquisador queira investigar.

O segundo procedimento realizado foi a aplicação de um questionário com questões abertas para os professores a respeito da atuação atual da Orientação Educacional na escola, da diferença entre coordenador e orientador, do trabalho pedagógico e intervenção da orientação, da trajetória e da OE, suas funções e seu conceito.

Para a realização de todos os procedimentos da pesquisa foram utilizados, ao todo, dois questionários, um aberto e um semi-estruturado e duas entrevistas, uma individual e a outra de grupo.

Pode-se definir questionário como técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.( Gil, 1999, p.128).

Contudo, o questionário é um instrumento válido que atingi um determinado número de pessoas, que garante o anonimato das respostas e permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais apropriado.

Depois aplicamos um questionário semi-estruturado para os familiares, mais especificamente para mães. O instrumento também explorou as funções da OE, o trabalho da OE na escola pesquisada, o contato e/ou participação do familiar nos trabalhos de intervenção ou acompanhamento pedagógico com a orientadora educacional e a opinião da família sobre esse trabalho.

Por último, utilizamos o procedimento de entrevista coletiva com os alunos dos dois grupos, os que frequentam e os que não frequentam a Orientação Educacional. Na entrevista, os alunos responderam sobre qual a função da OE na escola, qual a diferença entre o coordenador e o orientador, qual a relação, que eles têm com a orientadora da escola e qual a relação entre eles e seus pais com a orientação.

## CAPÍTULO 3

### RESULTADOS E ANÁLISES

Seguindo o propósito de identificar e analisar as concepções de professores, família e alunos em relação ao trabalho da Orientação Educacional na escola e perceber quais são os sentidos desse trabalho para cada sujeito da comunidade escolar com a intenção de verificar se de fato essas concepções estão em concordância com o real papel da orientação, o presente capítulo apresenta os resultados e as análises na sequência dos procedimentos empíricos. Após a exposição e breve análise dos resultados do material empírico, há uma discussão mais aprofundada que, a partir de um diálogo com a literatura, é possível relacionar o sentido das questões levantadas no processo de pesquisa e considerar possíveis aproximações com os objetivos propostos.

#### **3.1 Orientadora Educacional**

As informações de entrevista foram organizadas de acordo com categorias mais significativas do processo de entrevista. As categorias são: Relação entre Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional; Papel da Orientação Educacional na Escola; Espaço Físico exclusivo da Orientação; Percepção dos pais, alunos e professores; Relação com as famílias; Casos de atuação significativa da Orientação e Atendimentos às crianças.

##### *3.1.1 Relação entre Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional.*

A Orientadora Educacional relata que teve experiência como orientadora e coordenadora, afirmando que essas áreas são, em algumas escolas, trabalhadas integralmente. Entretanto, mantém-se a visão de que a coordenação realiza o trabalho pedagógico e a Orientação Educacional tradicionalmente se encarrega do trabalho de atendimento com famílias e alunos. “Onde eu trabalhei, lá na minha cidade, a orientação e a coordenação não se separam, o coordenador faz esse papel com o fazer pedagógico e também faz esse atendimento com as famílias e as crianças.”

De acordo com a literatura o coordenador tem um perfil mais técnico que assistencialista. A sua principal função está relacionada com o trabalho dos professores. Quando é preciso, ele lida com os alunos, mas sempre com o intuito voltado para a

aprendizagem deles. Já o orientador educacional possui função relacionada diretamente com os alunos e com sua família. Ele deve se preocupar com o bem-estar de todos os alunos e da comunidade escolar no geral e também deve se interessar pelo aluno como um todo, em todos os seus aspectos e habilidades. (Giacaglia & Penteado, 2010).

### *3.1.2 Papel da Orientação na escola.*

As referências ao papel da Orientação Educacional aparecem em diversos momentos da entrevista, e se mantém afinadas com o discurso acadêmico e legal que fundamentam as concepções do trabalho do OE na escola, para a orientadora:

O papel do orientador aqui na escola é para fazer essa ligação, essa ponte entre a família e a escola, principalmente a comunicação sempre com a família do que é da criança, relacionado à criança, tem também um caráter preventivo de entrar em sala, de quais as necessidades que a gente pode estar ajudando. E também em conjunto com o professor, porque a gente parte daquilo que eles nos orientam, do que eles apontam que a gente pode estar intervindo em cada sala de aula.

O papel da Orientação Educacional é muito significativo, pois possibilita ao sujeito a compreensão e análise do mundo e de suas transformações, compreendendo-se nesta relação com o outro e podendo ajudar a escola em todas as suas relações, de modo que todos convivam em nesse mundo de forma mais crítica e consciente, buscando estratégias para alcançar uma educação de qualidade. (Grinspun, 2006).

### *3.1.3 Espaço Físico exclusivo da Orientação.*

A importância da diferenciação de setores entre coordenação x orientação é muito bem salientada na visão da orientadora educacional, especialmente na escola atual. Ela reconhece que a demanda da orientação é muito grande e que a função da orientação é diferente da coordenação e, por isso, deve sim ser separada do espaço físico da coordenação. “Mediante a demanda que nós temos, de alunos que precisam de uma orientação especial, de alunos que tem dificuldades com disciplina, com comportamento, com aprendizagem, então é ideal que tenha um setor separado”.

O serviço de Orientação Educacional, conhecido como SOE é um serviço no qual existem titulares principais responsáveis, os orientadores educacionais, em uma sala específica, onde se encontram concentradas e integradas atividades de Orientação

Educacional na escola. Porém, mesmo existindo um lugar predestinado à orientação, os profissionais dessa área devem frequentar vários ambientes da escola durante sua jornada de trabalho, pois isso faz parte de sua função. (Giacaglia & Penteado, 2010).

#### *3.1.4 Percepção dos pais, alunos e professores.*

A Orientadora Educacional possui concepções em relação aos pais, demonstra que estes que não tem definido de fato o que é orientação, com exceção daqueles que possuem algum tipo de atendimento, contato ou interesse pela área. De acordo com a orientadora: “Os pais nem tem definido qual que é o papel da orientação, o que acontece muito, quando eles procuram a escola, eles querem falar com alguém da coordenação, eles nem tem noção do que seja.”

Segundo a orientadora os alunos que nunca foram à orientação a consideram como uma punição, um lugar que significa consequência de algo ruim que eles tenham feito. Já os alunos que conhecem o trabalho da Orientação Educacional possuem uma ideia de que é um lugar de reflexão. A orientadora comentou que:

Os alunos tem essa visão: é um lugar de bronca, é um lugar que vai me entregar pro meu pai, pra minha mãe e que eu vou me dar mal, a cabeça deles é mais ou menos essa. Os que já vieram mais de uma vez, eles já tem essa consciência de que aqui a gente conversa de que a gente troca, que a gente faz combinados que não é aquele caráter tão punitivo.

Já a percepção dos professores é vista como apoio em função da disciplina para os alunos que se portam de forma inadequada. Ou seja, a orientação serve para ajudar a resolver os conflitos e indisciplina de determinados alunos. Como a orientadora mencionou:

E dos professores eu vejo como um apoio mesmo da sala de aula, do que eles não conseguem resolver em sala, do que eles precisam de um apoio. Eles vêem muito mais esse papel disciplinador do que esse papel de prevenir, de entrar em sala de fazer um trabalho preventivo. Por conta das demandas, das emergências que acontecessem mesmo no dia-a-dia.

#### *3.1.5 Relação com as famílias.*

A relação das famílias com a Orientação Educacional acontece quando o aluno insiste em determinados comportamentos que não são aceitos pela escola ou quando o aluno possui algum tipo de necessidade especial que requer um tratamento especial de toda escola. Nesses casos a escola entra em contato com as famílias, realiza atendimentos específicos para essas

famílias e discute o que pode ser feito em prol da qualidade da educação daquela criança. A orientadora educacional afirma:

Nós temos famílias que renegam a culpa do filho e que relutam como se escola e família andassem em confronto e não no mesmo caminho. Em alguns atendimentos é preciso ser mais pontual com a família, de chamar, de falar que o limite não está sendo trabalhado em casa. Mas tem também situações de situações de aprendizagem. A gente sempre chama família também para tratar esses casos.

### *3.1.6 Casos de atuação significativa da Orientação.*

Na maioria das vezes, a atuação da Orientação Educacional gira em torno de algo extremamente comum em sala de aula que é a questão da indisciplina. Na realidade escolar, frequentemente há crianças que não se comportam da maneira esperada pelo professor e, com isso, ele conta com o apoio da Orientação Educacional para o ajudar nesse processo de modificar o comportamento inadequado da criança.

Um dos focos mais indicados, não por nós, mas pelo que trazem é a questão da disciplina, nesse sentido, às vezes, o papel do orientador se confunde com o disciplinador, porque tudo que é criança que conversa que dá algum trabalho em sala de aula é retirada e encaminhada à orientação, isso também é grande parte da nossa demanda.

A orientadora da escola relata que esse caso é muito comum naquela escola e que a orientação acaba agindo no trabalho pedagógico para disciplinar esses alunos que apresentam problemas.

### *3.1.7 Atendimentos às crianças.*

Os atendimentos com as crianças sempre partem da reflexão de fazer com que esse aluno se perceba e reconheça que sua postura não foi adequada. A intenção é fazer com o aluno entenda que aquele determinado comportamento ou situação não é benéfica para a comunidade escolar e para ele mesmo. E mesmo assim, como todo esse trabalho reflexivo, alguns alunos persistem no erro e acabam sendo punidos de alguma forma. Na visão da Orientadora Educacional da escola:

Nós vamos partindo desses princípios para criança, de auto-reflexão. Quando é um caso mais grave, recorrente que você já orientou, já conversou, mas permanece. Então, naquele momento, você precisa mostrar pra criança que ela perde algo, quando não cumpre, ou quando ela não faz, quando ela não melhora. Então ela precisa perder algo, seja uma advertência escrita, uma suspensão, dependendo da gravidade do que foi feito.

### 3.2 Professores

As informações desta seção foram construídas a partir dos questionários aplicados aos professores. Tentamos construir itens organizados de acordo com as informações equivalentes às categorias construídas a partir da análise da entrevista com a orientadora, são eles: *Sobre o trabalho da Orientação Educacional na escola; Definições de Orientação Educacional; Compreensão da relação entre o trabalho da Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional; Relação da OE e trabalho docente; Casos de intervenção da Orientação Educacional; Relação da OE e a equipe diretiva e Conhecimento específico sobre Orientação Educacional.*

Dado que as questões do questionário eram de caráter aberto, as respostas equivalentes foram agrupadas e tabuladas apenas para fins didáticos, no sentido de melhor visualizar a ocorrência de determinados tipos de ideias ou representações.

#### 3.2.1 Sobre o trabalho da Orientação Educacional na escola

Nesta categoria, foram consideradas duas questões do questionário, a primeira e a sexta. Enquanto a primeira refere-se ao trabalho da OE na escola, a segunda refere-se ao que seria desejável que a OE realizasse na escola.

**Quadro 5 – Como é o trabalho da OE**

| <b>Questão 1. O que a equipe de Orientação Educacional efetivamente faz?</b> |     |
|--|-----|
| Atende as famílias dos alunos.   | 50% |
| Acompanha, orienta e intervém em atendimento junto ao corpo docente.         | 50% |
| Acompanha o aluno com dificuldade escolar.                                   | 50% |
| Resolve Conflitos  | 40% |
| Acompanha o aluno com dificuldade de inclusão.                               | 20% |

As respostas dadas à primeira questão revelam que os professores parecem atribuir ao Orientador Educacional e sua equipe, envolvimento com o atendimento às famílias de alunos, ao corpo docente e aos alunos com dificuldade escolar. Um número menor sinalizou a

resolução de conflitos e apenas dois professores se referiram ao trabalho do orientador educacional no acompanhamento aos alunos com dificuldade de inclusão. Embora tanto a resolução de conflitos como a dificuldade de inclusão se apóie em um tipo de trabalho de intermediação nas relações entre alunos, predominou a ideia de “atendimento”, que sugere uma visão predominante do trabalho individualizado e pontual. Entretanto, nenhuma resposta sinalizou o trabalho de gestão da OE junto à direção nem a atuação na condução de projetos e eventos institucionais.

Por outro lado, alguma consideração foi feita a um trabalho planejado na questão seis, como mostra o quadro seis abaixo.

**Quadro 6 – Como deveria ser trabalho da OE**

| <b>Questão 6. O que você acha que a OE deveria efetivamente fazer e como?</b> |     |
|---|-----|
| Assessorar nas necessidades pontuais com o aluno.                             | 40% |
| Incentivar as famílias a participar efetivamente da escola.                   | 40% |
| Entrar em sala de aula.   | 30% |
| Elaborar projetos específicos para a necessidade da cada turma.               | 20% |

Na opinião dos participantes, 40% responderam que a OE deveria assessorar nas necessidades pontuais com o aluno. Por exemplo: “Acredito que a orientação educacional deve atuar junto ao aluno, orientando ações, atuando em situações de conflito em dificuldades”. Outros 40% acreditam que deveria incentivar as famílias a participarem efetivamente. Percebendo, novamente, a importância da participação família no meio escolar.

Projetos coletivos destinados às turmas foram sinalizados de forma diferente por dois outros participantes. Percebendo, então, que quase não há o reconhecimento da necessidade de um planejamento em Orientação Educacional que trate de projetos específicos para as necessidades educacionais de cada turma e que vise um trabalho preventivo de atuação.

### *3.2.2 Definições de Orientação Educacional*

Nesta categoria referente à questão sete, foram definidos os conceitos e as funções da Orientação Educacional na escola de acordo com as perspectivas dos professores pesquisados.

**Quadro 7 – Definição de OE e suas funções**

| <b>Questão 9. Defina o que é OE e suas funções na escola</b>   |     |
|--|-----|
| Orientar os alunos para uma formação moral enquanto cidadãos da sociedade e dentro da escola.              | 70% |
| Orientar, nortear, auxiliar e contribuir para o relacionamento entre professor x aluno x escola x família. | 50% |
| Acompanha a vida escolar do aluno  | 40% |

A maioria dos professores participantes, com 70%, relatam que a Orientação Educacional está ligada ao aluno e a sua formação moral enquanto cidadão da sociedade e dentro da escola. Em seguida, com 50%, acreditam que as atribuições de orientar, nortear, auxiliar e contribuir para o relacionamento entre professor x alunos x escola x família pertencem ao orientador educacional. E por último em uma quantidade de 40% afirma que o orientador acompanha a vida escolar do aluno de uma forma geral. A seguir estão alguns relatos de professores a respeito dessas concepções:

É um setor da escola que acompanha a vida escolar do aluno, orienta professores e pais para elaborarmos estratégias de atuação, para estruturarmos a ação pedagógica efetiva e precisa, diante das necessidades específicas de cada um. Também é um setor que intervém nas relações interpessoais problemáticas, bem como nas turmas que precisam de ações distintas sobre o respeito, a cooperação e a responsabilidade.

A Orientação Educacional ajuda a família e principalmente ao aluno na construção do saber. Facilitação ao adaptar alunos com laudo. Mediar em questões entre família e o aluno dentro de sala de aula.

### *3.2.3 Compreensão da relação entre o trabalho da Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional*

Nesta categoria, foi apresentada a questão dois sobre a diferença entre coordenação e orientação educacional percebida e vivenciada pelos professores da escola.

**Quadro 8 – Relação entre a Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional**

| <b>Questão 2. Qual é a diferença entre orientador(a) e coordenador(a)?</b>   |     |
|--|-----|
| Coordenador – Acompanha o trabalho do professor o ajudando na elaboração de planejamento de aulas.                             | 80% |
| Orientador - Auxilia os alunos em sua vida emocional.  | 50% |
| Orientador – Atua diretamente com o educando e sua família.  | 40% |
| Orientador- Facilita o processo de aprendizagem.   | 30% |
| Coordenador – Capacita, orienta e organiza a parte pedagógica da escola. Orientador - Auxilia os alunos em sua vida emocional. | 20% |
| Coordenador – Supervisiona todas as atividades relacionadas ao processo de ensino aprendizagem.                                | 20% |

Um total de oito professores, ou seja, a maioria relatou que o coordenador acompanha o trabalho do professor, ajudando-o na elaboração de planejamentos de aulas. Isso pode sugerir uma proximidade maior dos professores à coordenação pedagógica e, que talvez nessa escola, o trabalho da orientação e da coordenação exerça seu trabalho de forma mais independente um do outro. Em relação ao orientador, a maioria das respostas está relacionada com a atuação direta dele com o educando e sua família e com o auxílio aos alunos em sua vida emocional.

#### *3.2.4 Relação da OE junto ao trabalho dos professores*

Nesta categoria foi agrupada a questão três que se refere às interações do trabalho das professoras com a Orientação Educacional. Especificamente no que diz respeito ao momento em que o professor acha necessária a execução do papel da orientação para apoiá-lo em seu trabalho pedagógico.

**Quadro 9– Interação entre professores e OE 1**

| <b>Questão 3. Em que momentos e situações você interage com a orientadora educacional?</b> |     |
|--|-----|
| Em alguma situação de conflito.  | 50% |
| Em alguma situação de indisciplina.  | 40% |
| Quando é necessário entrar em contato com a família.                                       | 20% |
| Quando é necessário intervenção entre os alunos, com os pais e discentes.                  | 20% |

Metade dos professores, ou seja, 50 %, relatam que a principal situação na qual eles interagem com a orientadora educacional é para resolver algum contexto de conflito. Isso nos leva a crer que o motivo mais frequente em que a orientação educacional é solicitada ainda está voltado para o caráter terapêutico da questão e não o preventivo, o de evitar que algo não desejado aconteça.

### 3.2.5 Casos de intervenção da Orientação Educacional

Nesta categoria foram relacionadas três questões sobre a intervenção do fruto do trabalho da Orientação Educacional. A questão quatro diz respeito a qual situação que os professores precisam da intervenção da orientadora educacional. A quinta questão se refere ao resultado dessa intervenção e a sétima questão está relacionada com o trabalho pedagógico do professor com a orientadora.

**Quadro 10 – Situação de intervenção**

| <b>Questão 4. Há ou já houve alguma situação em que você precisou contar com o trabalho da OE? Quando e como?</b> |     |
|---|-----|
| Quando algum aluno reage de forma inadequada em algum conflito.   | 60% |
| Quando um aluno persistiu em um comportamento de indisciplina.  | 50% |
| Quando é necessário atendimento com os pais.  | 20% |
| Quando é necessário auxiliar o trabalho com crianças com necessidades especiais.                                  | 10% |

A maioria dos participantes, no total de seis professores, relata que precisa do trabalho da OE quando algum aluno reage de forma inadequada em algum conflito, ou seja, a orientação é solicitada, principalmente para resolver conflitos. Porém, apenas um participante ressaltou que necessita da orientação quando é necessário auxiliar o trabalho de inclusão de algumas crianças. Resultando em uma invisibilidade do trabalho com alunos especiais, pelos outros professores. Abaixo estão alguns relatos desses professores:

Sim, no momento de indisciplina de um aluno que tumultuou toda a turma. Muitos pais começaram a reclamar do comportamento do mesmo, então a orientação entrou em sala para fazer um trabalho sobre comportamentos positivos e negativos.

Sim. Temos tido problemas de relacionamentos entre as meninas da turma. A orientadora tem entrado em sala e feito algumas dinâmicas de grupo.

A OE tem mediado e orientado situações conflituosas, conversas com as famílias e auxiliando o trabalho com as crianças com necessidades especiais.

#### Quadro 11 – Consequências da intervenção

| <b>Questão 5. Como foi o resultado dessa intervenção?</b> |             |
|---|-------------|
|   | Porcentagem |
| Sem muito sucesso quando não há apoio familiar.           | 60%         |
| Com mudança de postura.                                   | 40%         |
| Com negociação e propostas diversas.                      | 10%         |
| Com parceria da família.                                  | 10%         |
| Com eficiência e pontualidade.                            | 10%         |

Mais da metade, 60% dos professores percebem o resultado da intervenção da OE sem muito sucesso quando não há apoio da família. Ressaltando como é fundamental e essencial essa parceria entre escola e família. Abaixo, encontram-se alguns exemplos desses relatos:

Algumas funcionaram bem, outras nem tanto, principalmente porque faltou o apoio da família.

Com a parceria da família, alguns casos foram resolvidos. Porém, ainda acontecem situações que necessitam de intervenções precisas, que sem o auxílio da família, não são solucionados.

Outros 40 % percebem que houve algum tipo de mudança de postura dos alunos que apresentou necessidade de apoio da orientação após a intervenção da OE.

#### Quadro 12 – Interação entre professores e OE 2

| <b>Questão 7. Como você vê a relação entre o trabalho pedagógico da OE e o seu trabalho pedagógico como professora?</b> |     |
|---|-----|
| Com unicidade entre os dois trabalhos.  | 70% |
| Em busca da integração e do acompanhamento.   | 10% |
| Só existe no papel.   | 10% |
| No respaldo com as famílias.  | 10% |

Quase todos os participantes acreditam que a relação do trabalho da OE e o trabalho do professor se dá com a unicidade entre esses dois grupos. Com isso, eles enfatizam a importância da necessidade da harmonia e da integração entre os principais atores do contexto educacional, não só entre professores e orientadores, mais sim de toda equipe escolar.

### 3.2.6 Relação da OE e a equipe diretiva

**Quadro 13 – Relação entre OE e gestão escolar**

| <b>Questão 8. Qual a importância que a gestão da sua escola dá ao trabalho de OE?</b> |     |
|---|-----|
| Apoia sem restrição.  | 30% |
| Prioriza o atendimento dos pais.  | 20% |
| Investindo em diário de bordo.  | 20% |
| Não sabe definir.   | 20% |
| Investindo em reuniões.   | 10% |
| Participando das decisões da equipe   | 10% |

Apesar de as respostas da questão oito apresentarem divergências, três dos professores responderam que a gestão da escola apoia sem restrição o trabalho da Orientação Educacional. Seria interessante investigar o que significa o apoio sem restrição atribuído pelos professores na relação da direção com a orientação. Ao mesmo tempo, a resposta pode estar sugerindo uma crítica à relação entre os dois segmentos. Com relação às outras respostas, podemos observar certa incoerência com a pergunta.

### 3.2.7 Conhecimento específico sobre Orientação Educacional

Nesta última categoria dos professores e na última questão do questionário, foi questionado se os professores possuíam algum tipo de conhecimento relacionado à trajetória histórica da OE no Brasil, relacionando sua legislação e as especificidades da formação desse profissional da educação.

**Quadro 14 – A história da OE no Brasil**

| <b>Questão 10. Você conhece a história da OE no Brasil e as especificidades da formação desse profissional da educação?</b>               |     |
|---|-----|
| Não   | 70% |
| A obrigatoriedade da OE se deu com a lei 5.692-71. O trabalho inicialmente era voltado a orientação vocacional e hoje é voltado ao aluno. | 10% |
| Mobiliza os pais e a escola e as famílias para um trabalho detalhado de seus filhos na escola.  | 10% |
| Hoje o aluno é visto como um ser afetivo, com capacidade de questionar o que lhe é proposto.  | 10% |

Quase todos os professores, no total de 70%, responderam que não possuem conhecimento da trajetória histórica da OE no Brasil. Apenas um professor relacionou a OE com uma de suas legislações. Porém outros dois professores que responderam de forma

afirmativa, não souberam demonstrar coerência em suas respostas com o que estava sendo proposto na questão.

Um dos participantes que não tinha conhecimento sobre o assunto resolveu fazer uma pesquisa com referência bibliográfica e a inseriu no material do questionário entregue para este trabalho. Assim, a questão gera reflexões acerca da formação pedagógica dos cursos de formação de professores no que se refere aos conhecimentos gerais da trajetória da Pedagogia e acerca da própria organização do trabalho pedagógico nas escolas.

Em síntese, podemos afirmar que na concepção da maioria dos professores a Orientação Educacional atende às famílias dos alunos, acompanha, orienta e intervém em atendimento junto ao corpo discente e acompanha o aluno com dificuldade escolar. Em função disso, esses professores acreditam que a OE deveria assessorar nas necessidades pontuais com o aluno e incentivar as famílias a participar efetivamente da escola. Para eles a OE possui função de orientar os alunos para uma formação moral enquanto cidadãos da sociedade e dentro da escola. Já o coordenador acompanha o trabalho do professor o ajudando na elaboração de planejamento de aulas e, sobretudo, o orientador também auxilia os alunos em sua vida emocional.

Boa parte dos professores interagem com a Orientação Educacional quando ocorre alguma situação de conflito entre os alunos, situação em que o discente reage de forma inadequada. Quando há alguma intervenção por parte da orientação, os professores relatam que o resultado não é favorável quando não há o apoio da família. Percebemos que no geral, de acordo com os relatos dos professores, a família é uma referência recorrente nas respostas desse questionário. Porém, a relação entre o seu próprio trabalho e o trabalho da OE ocorre com união entre as duas áreas e, além disso, muitos professores afirmam que a gestão da escola apoia totalmente a OE sem restrição. No entanto, o único aspecto que a maioria dos professores participantes teve dificuldade em responder foi em relação à trajetória histórica da OE no Brasil e as suas especificidades da formação desse profissional da educação. Muitos deles não possuíam o menor conhecimento ou lembrança sobre esse tema específico da OE.

### **3.3 Família**

O questionário destinado às famílias resultou em um quadro das respostas fechadas. Porém, também haviam outras questões inseridas nesse instrumento, como algumas questões abertas e dados dos familiares gerais e escolares das crianças. Em relação ao quadro com a

escala consistia em identificar, ainda que de forma superficial, a relação da respondente com a Orientadora Educacional e o conhecimento da respondente sobre o trabalho da OE.

### Quadro 15– Concepções da família sobre a Orientação Educacional

**Legenda:** 1– nunca 2– algumas vezes 3 – frequentemente 4 – sempre NA– não se aplica NS– não sei

| Questões:  | Grupo controle |       |       | Grupo intervenção |       |       |       |
|--|----------------|-------|-------|-------------------|-------|-------|-------|
|  | Mãe 1          | Mãe 2 | Mãe 3 | Mãe 4             | Mãe 5 | Mãe 6 | Mãe 7 |
| 1. Como mãe/pai/responsável, tenho contato com as orientadoras educacionais (OE) da escola de meu(s) filho(s)...         | 1              | 3     | 2     | 2                 | 2     | 4     | 3     |
| 2. Meu(s) filho(s) é (são) encaminhado(s) para a OE ...  | 1              | 2     | 2     | 2                 | 3     | 3     | 3     |
| 3. Sou chamado(a) pela escola para conversar sobre meu(s) filho(s)...  | 1              | 2     | 1     | 2                 | 3     | 3     | 3     |
| 4. Meu(s) filho(s) faz (ou já fez) um trabalho de intervenção ou acompanhamento pedagógico com a Orientadora Educacional | 1              | 3     | 1     | 2                 | NA    | 4     | 2     |
| 5. Atender alunos com dificuldades de aprendizagem.  | 3              | 4     | 4     | 4                 | NA    | 3     | NS    |
| 6. Atender alunos com indisciplina.  | NS             | NA    | 4     | 4                 | 3     | 3     | NS    |
| 7. Resolver conflitos entre alunos.  | NS             | NA    | 4     | 4                 | 2     | 3     | NS    |
| 8. Acompanhar o trabalho pedagógico dos professores.   | NS             | 1     | NS    | 4                 | 2     | 3     | 1     |
| 9. Auxiliar na gestão da escola junto à direção.   | NS             | 2     | NS    | 3                 | 2     | NA    | NS    |
| 10. Contatar as famílias quando a criança tem algum problema na escola.  | 3              | 3     | 4     | 3                 | 2     | 4     | 1     |
| 11. Realizar/promover encontros de educação familiar.  | NS             | 1     | NS    | 4                 | 2     | 3     | NS    |
| 12. Realizar as festas escolares e eventos comemorativos.  | NS             | 2     | NS    | NS                | 2     | NA    | NS    |
| 13. Realizar projetos educacionais.  | NS             | 2     | NS    | NS                | 2     | 4     | NS    |

#### 3.3.1 Relação família—Orientação Educacional

De acordo com o quadro, em relação ao grupo controle observamos que, com exceção da Mãe 2, as outras duas respondentes possuem um baixo contato com a OE. No caso da Mãe 3, apesar de seus filhos comparecem à OE *algumas vezes*, ela não é chamada explicitamente pela OE para demandas com relação a esses filhos. Já as Mães do grupo de intervenção sinalizaram uma proximidade maior com OE.

Em relação ao convite da escola para os pais irem conversar a respeito dos filhos, as Mães do grupo controle (Mãe 1 e Mãe 3) relatam que *nunca* foram chamadas, enquanto as Mães do grupo intervenção responderam entre *algumas vezes* e *frequentemente*.

Os trabalhos de intervenção ou acompanhamento pedagógico são percebidos pelas Mães participantes de forma diversificada. Duas delas, na questão quatro, integrantes do grupo controle (*Mãe 1 e Mãe 3*) dizem que *nunca* houve esse tipo de trabalho com seus filhos. A *Mãe 3* que pertence a este mesmo grupo diz que *frequentemente*. Já duas Mães do grupo intervenção (*Mãe 4 e Mãe 7*) acreditam que *algumas vezes*. A *Mãe 6* relata que *sempre* há esse trabalho com seu filho e a *Mãe 5* respondeu que esse acompanhamento pedagógico *não se aplica* ao seu filho, apesar dessa criança pertencer ao grupo dos que frequentam a OE. Uma possível hipótese diante da incongruência dessa resposta é que essa mãe pode não ter entendido o real sentido da questão.

### 3.3.2 *Papel da Orientação Educacional na Escola*

Embora a *Mãe 3* demonstre ter discernimento sobre o trabalho pedagógico do OE com relação ao aluno e a família, desconhece o trabalho do OE no contexto interno da escola. Com exceção da *Mãe 5 e Mãe 7*, todas as outras dos dois grupos entendem que Orientação Educacional atende os alunos com dificuldades de aprendizagem. Também com exceção das *Mães 1, 2 e 7*, todas as outras dos dois grupos percebem que a OE atende alunos com indisciplina e que resolve conflitos entre alunos.

Em relação ao acompanhamento do trabalho dos professores o grupo intervenção, exceto a *Mãe 7*, possui o entendimento de que a OE também trabalha nessa área. Já o grupo controle no geral não considera esse aspecto uma função do trabalho orientador educacional. As questões 12 e 13 foram respondidas em sua maioria, nos dois grupos, como não tinha como conhecimento pelas Mães respondentes, com exceção da *Mãe 6*, que respondeu *sempre* e as *Mãe 2 e 5* que responderam *algumas vezes*, todas as outras relatam que *não sabem* se a OE realiza as festas escolares e eventos comemorativos e realiza projetos educacionais. Por último, destaca-se o conhecimento do trabalho do OE, de uma forma geral, pelas *Mães 4 e 6*.

## 3.4 Alunos

Como foi explicado na metodologia, o procedimento empírico realizado com estudantes contou com a organização desses sujeitos em dois grupos. O grupo de estudantes que nunca haviam participado de nenhuma intervenção ou atendimento, denominado grupo controle, e o grupo cujos estudantes frequentavam a sala da Orientação Educacional por algum motivo de intervenção, acompanhamento ou atendimento pedagógico. As informações

foram organizadas em um único quadro, incluído a seguir, discriminando as respostas dos alunos durante a entrevista coletiva.

Em função da natureza da entrevista coletiva, nem todas as questões contam com a participação de todos os integrantes. Optou-se por considerar, para efeitos de composição do quadro objetivando a análise, somente as respostas consideradas válidas à pergunta realizada. Destacamos em negrito aquelas informações que consideramos mais significativas e produtivas para análise.

**Quadro 16 – Quadro geral da entrevista coletiva com estudantes**

|   | <b>Grupo Controle</b>   | <b>Grupo Intervenção</b>  |
|---|---|---|
| 1. Quem é o orientador e o que ele faz na escola?   | Aluno 3 - <b>Orienta as crianças quando acontece alguma briga</b> , alguma coisa assim.   | Aluno 7 - Você faz uma coisa errada você vai pra lá pra eles <b>te ajudarem a ter um comportamento melhor.</b><br>Aluno 4- Orienta você para a educação, <b>quando você faz alguma coisa não permitida</b> ou alguma coisa que não é educada você tem que ser <b>orientado para a educação.</b><br>Aluno 6- É quando você <b>faz alguma coisa errada</b> e vai pra orientação, errada, tipo se você bate no professor.      |
| 2. Qual que é a diferença entre o orientador, o coordenador e a sua professora de sala de aula? | Aluno 3 - <b>Coordenador</b> ele <b>coordena os negócios da escola</b> , negócios mesmo, os pagamentos, isso. O <b>orientador orienta as crianças</b> quando acontece alguma briga entre os alunos e o <b>professor é quem dá aula</b> e resolve pequenas brigas. | Aluno 7 - A <b>professora</b> ela tem o <b>trabalho de ensinar</b> os alunos a aprender, a <b>coordenação ajuda o aluno</b> a se comportar melhor e a <b>orientação ajuda o aluno</b> a ter um contato melhor com as outras crianças.<br>Aluno 4 - O <b>professor tem dever de ensinar os alunos</b> e o <b>coordenador eu não sei</b> o que é, mas o <b>orientador é que aquela pessoa que te orienta para a educação.</b> |
| 3. Vocês conhecem alguma colega que frequenta a orientação?                                     | Aluno 2- Ele não faz a atividade, fica conversando, <b>não tem um comportamento adequado.</b>   | Aluno 5- Uma pessoa já <b>me bateu</b> , aí ela foi pra coordenação, ou melhor, pra orientação.   |
| 4. Algum pai de vocês já veio pra   | Aluno 2 - Sim, <b>comigo não</b> , com meus irmãos.   | Aluno 5 – <b>Sim</b> . Por causa que <b>eu</b> não estava fazendo muito bem as  |

|   |  |   |
|---|--|---|
| conversar com a orientação?   |  | <b>tarefas.</b>   |
|   | Aluno 1 – <b>Não.</b>  | Aluno 6 – <b>Sim.</b> Porque um dia eu bati no professor.   |
|   | Aluno 3 – <b>Não.</b>  | Aluno 7- <b>Sim.</b> Porque um dia eu tava brincando com meu amigo, a gente tava brincando de pega-pega, ai eu sem querer fui pegar ele, ai ele caiu e quebrou o braço.   |
| 5. Algum de vocês tem algum problema de aprendizagem, comportamento, relação com os colegas e professora em sala de aula? | Aluno 1 - <b>Não.</b>  | Aluno 4 - Eu tenho um <b>pouco de problema com a professora.</b>  |
|   | Aluno 2 – <b>Não.</b>  |   |
|   | Aluno 3 – <b>Não.</b>  |   |
| 6. Como que a sua aprendizagem?<br>Boa, ruim ou mais ou menos?  | Aluno 1- <b>Boa.</b>   | Aluno 6 - <b>Mais ou menos.</b> Porque eu batia nos colegas.  |
|   | Aluno 2 – <b>Boa.</b>  | Aluno 7 – <b>Ótima.</b> Porque eu presto atenção nas aulas da professora e gosto dela.  |
|   | Aluno 3 – <b>Boa.</b>  | Aluno 5 - <b>Mais ou menos.</b> Por causa que os colegas me irritam eu irrito eles, ai as vezes acaba tudo mal.   |
| 7. Como que é seu comportamento em sala de aula? Por quê?   | Aluno 3 - <b>Bom.</b> Porque a professora não deixa a gente conversar, porque se a gente conversar ela começa dar um monte de briga, ela fica nervosa. | Aluno 5 - <b>Mais ou menos.</b> Porque meus amigos às vezes implicam comigo e eu implico com eles.  |
|   | Aluno 2 – <b>Bom.</b> Porque eu não converso muito.  | Aluno 4- <b>Mais ou menos,</b> o problema é que às vezes eu protesto.   |
|   | Aluno 1 – <b>Bom.</b> Fico muito quieta e respeito às regras.  |   |
| 8. E a relação de vocês com a professora?   | Aluno 3 – <b>Boa,</b> ela só é brava quando a gente desobedece às regras, mas ela fica brincando com a gente em sala de aula e é muito legal.          | Aluno 4 - <b>Mais ou menos,</b> por causa que eu não sou exatamente um amigo dela. Eu não sou muito amigo da professora porque eu já quase perdi minha prova e <b>eu acho que não é do talento dela ser professora.</b>   |
| 9. Vocês tem alguma relação com orientadora daqui da escola?  | Aluno 2 - <b>Não</b>   | Aluno 4 - A professora injustamente pegou a minha prova e tinha me desestabilizado. Depois meus pais vieram aqui na escola conversar sobre isso e eles decidiram que eu deveria <b>fazer a prova de novo e eu fiz sem a professora, eu fiz com a orientadora.</b> |
|   | Aluno 1- <b>Não</b>  |   |
|   | Aluno 3 – <b>Não</b>   |   |

|   |   |   |
|---|---|---|
| 10. Vocês sabem qual é importância da orientação educacional na escola? | Aluno 3 - Porque se não tivesse orientação educacional, <b>o colégio seria uma bagunça</b> , porque a professora não pode dar suspensão, não pode dar advertência. <b>A orientadora faz a gente pensar, pra gente não fazer de novo, às vezes em casos mais graves ela dá advertência, suspensão.</b> | Aluno 4 - A orientação educacional funciona pra <b>orientar os alunos para a educação</b> e se não houvesse isso eles, viveriam uma confusão, <b>porque a escola não teria ordem</b> , seria algo completamente caótico.<br><br>Aluno 7 - É importante para <b>educar a pessoa</b> , a orientação é boa para dar uma passo a frente da criança, e <b>se a pessoa não se comportar ela pode muitas vezes, ser advertida ou suspensa.</b> |
|---|---|---|

#### 3.4.1 Compreensão da relação entre o trabalho da Coordenação Pedagógica , da Orientação Educacional e dos Professores

Com base na segunda questão e ao longo da entrevista coletiva, é possível observar que a percepção dos alunos do grupo controle e de intervenção em relação ao orientador está relacionada com a mediação entre os alunos, ou seja, ele trata somente dos alunos. Os professores são vistos como responsáveis pelo ensino das matérias. Apenas o grupo controle acrescentou que, além de ministrar aulas, o professor pode mediar pequenos conflitos. É interessante notar que a percepção dos alunos em relação ao coordenador não é bem definida em nenhum dos dois grupos, o que pode sugerir que eles não tenham contato com a coordenadora pedagógica. No grupo controle, o coordenador pedagógico está relacionado com a gestão da escola, no que diz respeito aos pagamentos. Já no grupo intervenção apenas uma criança soube responder, relatando que o coordenador ajuda o aluno a se relacionar melhor com as outras crianças. Percebemos que a função do coordenador não é do conhecimento dos alunos participantes, nenhum deles relacionou essa função com o trabalho dos professores.

#### 3.4.2 Papel da Orientação Educacional na Escola

Todos os alunos participantes tanto do grupo controle quanto do grupo intervenção relacionam a atuação orientação educacional aos problemas de “comportamento” e com o não cumprimento das regras estabelecidas pela escola.

As afirmações em relação à importância da OE na escola foram interessantes e coerentes. O *Aluno 1* do grupo controle, na questão 10, acredita que a OE é fundamental para a organização e harmonia da escola. Afirma também que o orientador educacional ajuda a

criança a refletir sobre seu ato e que somente o orientador pode punir o aluno com uma advertência ou suspensão. Os integrantes do grupo intervenção, como o *Aluno 4*, ainda na décima questão afirma que a Orientação Educacional é essencial para colocar ordem em toda a escola, ela é a responsável para orientar os alunos à educação. Já o *Aluno 7* acredita que a orientação serve para guiar o aluno e ajudá-lo a progredir. Se o aluno não modifica seu comportamento, pode ser advertido ou suspenso.

#### 3.4.3 *Relação com as famílias*

Todos os integrantes do grupo controle afirmam que seus pais nunca foram chamados pela OE, com exceção do *Aluno 2* (na questão 4) que possui outros irmãos que já frequentaram a orientação. Em oposição, todos os pais do grupo intervenção já foram até a OE para conversar, pelos motivos de não realização de tarefas, agressão física e problemas de relacionamento.

#### 3.4.4 *Atendimentos às crianças.*

Todos os alunos respondentes dos dois grupos participantes relatam que os amigos que foram encaminhados para a orientação apresentaram problemas de comportamento inadequado, como conversas, não realização de tarefas e agressão física.

Os integrantes do grupo controle afirmam que não possuem relação com orientadora educacional da escola. Em oposição, apenas o *Aluno 4* do grupo intervenção responde que já precisou da orientadora educacional para aplicar uma prova que ele não conseguiu realizar em sala de aula devido problemas de relacionamento com a professora.

#### 3.4.5 *Aprendizagem x comportamento*

Todos os alunos do grupo controle relatam que possuem uma boa aprendizagem. No grupo intervenção, apenas o *Aluno 7*, na questão 6, afirma possuir uma ótima aprendizagem. Os outros dois alunos, *5 e 6*, julgam ser mais ou menos sua própria aprendizagem, por problemas de agressão física e de relacionamento.

Em relação ao comportamento todos os alunos do grupo controle afirmam novamente que seu comportamento é bom. O grupo intervenção julga que o próprio comportamento é mais ou menos, pelos motivos de problemas de relacionamento. Percebe-se que os alunos não possuem discernimento em diferenciar entre aprendizagem e comportamento dando justificativas parecidas para os dois conceitos quando o julgamento não é positivo.

### 3.5 Discussão dos resultados face os objetivos da pesquisa

No processo de identificar e analisar as concepções que os alunos, os professores e as famílias têm sobre o papel da Orientação Educacional na escola, construímos uma metodologia complexa de vários procedimentos. Cada procedimento foi concebido à luz dos objetivos específicos e contribuiu para elucidar cada um dos objetivos e, assim, chegar a compreender pelo menos provisoriamente, o universo institucional em que a Orientação Educacional se insere, suas múltiplas facetas e interpretações. A seguir, apresentaremos algumas considerações entre as perspectivas dos diversos sujeitos pesquisados de acordo com as categorias organizadoras que nos permitam um diálogo mais produtivo com a literatura da área.

#### 3.5.1 *Sobre a atuação da Orientação Educacional na escola*

De acordo com Grinspun (2006), a Orientação Educacional atua com um trabalho muito mais abrangente, no sentido de sua dimensão pedagógica. “A orientação deve, portanto, buscar os meios necessários para que a escola cumpra seu papel de ensinar/educar, promovendo as condições básicas para a formação da cidadania de nossos alunos”. (p.51). O orientador possui caráter mediador junto aos demais educadores e com todos os protagonistas da escola, no intuito de uma ação mais efetiva e na busca de uma educação de qualidade.

A **orientadora educacional** da escola percebe sua função de acordo com a literatura a respeito desse tema, como mediadora entre família e escola, em conjunto com o corpo docente e com um caráter preventivo de atuação. Na visão da orientadora:

O papel do orientador aqui na escola é para fazer essa ligação, essa ponte entre a família e a escola, principalmente a comunicação sempre com a família do que é da criança, relacionado à criança, tem também um caráter preventivo de entrar em sala, de quais as necessidades que a gente pode estar ajudando. E também em conjunto com o professor, porque a gente parte daquilo que eles nos orientam, do que eles apontam que a gente pode estar intervindo em cada sala de aula.

Os **professores** acreditam que a Orientação Educacional possui função de orientar os alunos para uma formação moral enquanto cidadãos da sociedade e dentro da escola. O orientador também auxilia os alunos em sua vida emocional. Com isso, percebemos que a

concepção dos professores também está de acordo com a literatura e com a definição de atuação da orientação pela Orientadora Educacional.

Para as **famílias** a Orientação Educacional atende os alunos com dificuldades de aprendizagem, atende os alunos com indisciplina, resolve conflitos entre aluno e constata as famílias quando a criança tem algum problema na escola. Essa concepção também está bem interligada ao discurso da teoria e de acordo com a definição da orientadora educacional.

A concepção dos **alunos** relaciona Orientação Educacional com o setor que trabalha com as crianças que possuem comportamentos não permitidos pela escola. De acordo com o Aluno 4 a Orientação Educacional “Orienta para a educação, quando você faz alguma coisa não permitida ou alguma coisa que não é educada você tem que ser orientado para a educação”. Percebemos que apenas os alunos não possuem uma ideia que esteja inserida no atual papel da Orientação Educacional da literatura, nem mesmo de acordo com as concepções da orientadora educacional da própria escola.

No geral, as concepções de professores, família e orientadora educacional estão de acordo com a teoria relacionada com essa temática. O único aspecto que é ressaltado pela orientadora e que não é presente na concepção da maioria dos professores é a questão do caráter preventivo da orientação, que deve também não atuar apenas diante de problemas, mas sim de prevenir certas situações que podem ser evitadas. Com relação à concepção dos pais, ressaltamos a falta de conhecimento do papel da orientação educacional no escopo interno da escola, percebendo esse profissional a partir do trabalho que realiza com aluno e família em função de seu desempenho intelectual ou comportamental.

### *3.5.2 Os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para cada segmento da comunidade escolar*

Antes o orientador educacional era o responsável por encaminhar os estudantes considerados "problema" aos psicólogos. Atualmente o orientador educacional perdeu o antigo rótulo de delegado e trabalha para intermediar os conflitos escolares e ajudar os professores a lidar com alunos com dificuldade de aprendizagem. Faz parte também do seu papel manter reuniões semanais com as classes para mapear problemas, dar suporte a crianças com questões de relacionamento e estabelecer uma parceria com as famílias. (Almeida, 2009). Recentemente, o orientador atua atendendo aos estudantes e leva em conta que eles estão inseridos em um contexto social que interfere no processo de aprendizagem de cada um.

A **orientadora educacional** da escola pesquisada possui percepções sobre o sentido do trabalho pedagógico para cada segmento da comunidade escolar, como pais, alunos e professores. Abaixo estão os relatos dela a respeito de cada um:

Os **pais** nem tem definido qual que é o papel da orientação, o que acontece muito, quando eles procuram a escola, eles querem falar com alguém da coordenação, eles nem tem noção do que seja. Os **alunos** têm essa visão: é um lugar de bronca, é um lugar que vai me entregar pro meu pai, pra minha mãe e que eu vou me dar mal, a cabeça deles é mais ou menos essa. Os que já vieram mais de uma vez, eles já tem essa consciência de que aqui a gente conversa de que a gente troca, que a gente faz combinados que não é aquele caráter tão punitivo. E dos **professores** eu vejo como um apoio mesmo da sala de aula, do que eles não conseguem resolver em sala, do que eles precisam de um apoio. Eles veem muito mais esse papel disciplinador do que esse papel de prevenir, de entrar em sala de fazer um trabalho preventivo.

Para a maioria dos **professores**, “A Orientação Educacional atende às famílias dos alunos, acompanha, orienta e intervém em atendimento junto ao corpo discente e acompanha o aluno com dificuldade escolar”. Comparando essa concepção com o da orientadora e com o da literatura a respeito do tema, de fato a Orientação Educacional trata diretamente com os alunos no sentido de acompanhá-los e orientá-los de acordo com a necessidade de cada um, em especial aqueles que possuem dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais.

Os **alunos** percebem a Orientação Educacional de acordo com o relato da orientadora. Na maioria, o sentido da orientação é uma consequência de atitude não aceita pelas regras e normas da escola. “Você faz uma coisa errada você vai pra lá pra eles te ajudarem a ter um comportamento melhor” (Aluno 7). A orientadora possui uma posição coerente com o real sentido da Orientação Educacional para os alunos na escola, sentido esse de punição e reflexão.

O sentido da Orientação Educacional para as **famílias** é algo bem relacionado com a literatura. “A OE deve ser bem abrangente, pois é através desse segmento que é possível serem construídas ‘as pontes’ entre o aluno e os demais segmentos como: família, professor, direção, etc”. (Mãe 4). Em oposição ao entendimento da orientadora educacional, existem famílias que entendem o real significado da Orientação Educacional dentro da escola.

### *3.5.3 A relação entre as concepções da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e a sua prática*

A década de 1960, no Brasil, foi um marco na instituição da Orientação Educacional nas escolas. Como já mencionamos na revisão de literatura, foi criado o primeiro curso de formação de orientação educacional, a profissão foi regulamentada (Lei 5.540) e foi definido seu exercício (Lei 5.564), ampliando com isso suas funções. Esse foi o conjunto de leis que definiu o trabalho e as concepções presentes nas falas da maioria dos sujeitos por nós pesquisados, como: o educando como o objeto da orientação educacional; as funções de promover o desenvolvimento integral do indivíduo, inclusive sob uma linha psicológica; e os tipos de atuação, individual e em grupo para o alcance dos seus objetivos e funções de orientação. Entretanto, o ideal aparentemente romântico veio revestido por uma ideologia corretiva e punitiva, focada na disciplina e na adaptação unilateral do educando, dando margem a concepções paradoxais da orientação educacional que co-existem até hoje.

O discurso de função da orientação pela profissional responsável possui relevância em relação ao discurso de estudiosos. Porém, a prática do trabalho da Orientação Educacional se apresenta de forma diferenciada como mostra o relato da orientadora educacional abaixo:

Um dos focos mais indicados, não por nós, mas pelo que trazem é a questão da disciplina, nesse sentido, às vezes, o papel do orientador se confunde com o disciplinador, porque tudo que é criança que conversa que dá algum trabalho em sala de aula é retirada e encaminhada à orientação, isso também é grande parte da nossa demanda.

A principal demanda da Orientação Educacional naquela escola diz respeito aos problemas de indisciplina. Entendemos que essa realidade está de acordo com a concepção dos alunos que relacionam a orientação como algo advindo de uma consequência de indisciplina, ou seja, de comportamentos não desejados pela escola.

Os **professores** também afirmam essa realidade prática da orientação. Eles relatam que interagem com a Orientação Educacional quando ocorre alguma situação de conflito entre os alunos, na qual ele reage de forma inadequada. Quando há alguma intervenção por parte da orientação, o resultado não possui muito sucesso quando não há o apoio da família.

Mais uma evidência de que o trabalho do orientador naquela escola é voltado principalmente aos atendimentos por questão de comportamento é o relato de uma das mães participantes, que traduz a visão da família a respeito desse trabalho. “Minha experiência com a OE foi sempre muito positiva, sempre a OE agiu no sentido de identificar questões e peculiaridades do meu filho e tentar nortear objetivando as soluções”. (Mãe 4).

Entendemos que a real prática do trabalho da Orientação Educacional na escola é apenas um dos aspectos das concepções da orientadora educacional, dos professores e da família a respeito da função do orientador educacional.

#### *3.5.4 Reflexão sobre as relações entre essas concepções e os processos de tomada de decisão no trabalho pedagógico*

A Orientação Educacional participa do processo de tomada de decisão no trabalho pedagógico, pois essa área lida diretamente com o principal alvo da educação, os educandos, e por consequência, lida também com todo o contexto que interage com esses sujeitos. O orientador educacional deve se comprometer com a formação da cidadania dos alunos, ao trabalhar prioritariamente pontos fundamentais de autonomia, participação, responsabilidade, reflexão e solidariedade. A Orientação Educacional deve ajudar a escola e os seus alunos a entendê-la como um espaço que reflete e repercute a ação da sociedade. (Grinspun, 2006)

No trabalho da orientação da escola, o principal recurso utilizado é a auto-reflexão que permite que o aluno reflita e se perceba no contexto em que está inserido e tome consciência de que atitudes ele deve ter, para haver harmonia e responsabilidade em todo contexto educacional e fora dele. Porém quando o ato de reflexão não funciona a orientação passa a aplicar recursos punitivos para aquele aluno que não muda de postura. De acordo com a **orientadora educacional** o trabalho funciona da seguinte forma:

Nós vamos partindo desses princípios para criança, de auto-reflexão. Quando é um caso mais grave, recorrente que você já orientou, já conversou, mas permanece. Então você precisa mostrar pra criança que ela perde algo, quando não cumpri, ou quando ela não faz, quando ela não melhora. Então ela precisa perder algo, seja uma advertência escrita, uma suspensão, dependendo da gravidade do que foi feito.

Nesse mesmo sentido, os alunos concordam com a orientadora e afirmam que na Orientação Educacional ocorre, de fato, esse trabalho reflexivo no intuito de mudança de comportamento. De acordo com o Aluno 3 “A orientadora faz a gente pensar, pra gente não fazer de novo, às vezes em casos mais graves ela dá advertência, suspensão.”

Os **professores** acreditam que além de mediar situações decorrentes de comportamentos indesejados, a Orientação Educacional deveria assessorar nas necessidades pontuais com o aluno e incentivar as famílias a participar efetivamente da escola. Percebemos,

então, que os professores reconhecem a necessidade e a importância entre o papel da família em conjunto com a escola para subsidiar a tomada de decisão no trabalho pedagógico.

Para a Mãe 1:

A Orientação Educacional deveria chamar os pais, independente dos filhos apresentarem dificuldades escolares. A minha filha nunca apresentou dificuldades que chamassem atenção da escola e, conseqüentemente, nunca fui chamada para falar com a orientadora. O que na minha opinião é uma falha, haja vista que poderia ter sido orientada sobre diversos temas.

Também há uma concordância da parte das famílias, em especial de uma mãe que não possui contato com a orientação, que seria fundamental o contato e a parceria com as famílias seja qual for o motivo, independente de problemas ou não.

Então, enquanto observamos o compartilhamento de muitas concepções, percebemos que elas sinalizam as necessidades de um trabalho conjunto e coletivo. Mas, o orientador educacional continua confinado a um lugar paradoxal de guardião da ordem e promotor do desenvolvimento sócio-afetivo de cada aluno. A questão da resolução de conflitos e de problemas de indisciplina deve ser apenas mais uma vertente da atuação do orientador dentro da escola. As demandas emergenciais, principalmente no que tange à sua ação como mediador de conflitos com relação aos alunos presente em todos os discursos, parece interferir com a função e com o tipo de trabalho de orientação educacional de caráter coletivo direcionado ao futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca do alcance dos nossos objetivos de pesquisa, as perguntas-problema que nos fizemos antes do início do trabalho urgem determinadas considerações, uma vez que uma resposta definitiva é muito pretensiosa. As questões que nos propusemos foram: Qual a relação entre a visão da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e o trabalho da Orientação Educacional na escola? E, quais são os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para a comunidade escolar?

A presente pesquisa problematizou o trabalho efetivo da Orientação Educacional na escola no momento em que a categoria profissional, outrora amplamente amparada pela legislação nacional, foi extinta e as especificidades do trabalho pedagógico realizado por esse profissional, retiradas dos cursos de formação docente. A OE foi desaparecendo das escolas e, por consequência, da nova legislação, que não deixou claro quais seriam as atribuições do orientador educacional e quem seria o profissional adequado para ser responsável por certas atribuições da escola realizadas pela OE (Giacaglia & Penteadó, 2010; Grinspun, 2006). Por outro lado, a escola precisou redefinir seu papel e criar novos serviços em função das mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas na sociedade brasileira.

Ao questionar sobre qual a relação entre a visão da comunidade escolar sobre o trabalho da Orientação Educacional e o trabalho da Orientação Educacional na escola, acreditamos que foi possível identificar posicionamentos paradoxais quanto às definições e ao trabalho da OE. As concepções dos sujeitos de pesquisa, inclusive as crianças, de alguma forma, pareceram corroborar com a forte presença de concepções oriundas do processo de consolidação da Orientação Educacional no sistema educacional. Isso possibilitou uma reflexão teórica acerca do conceito, atribuições e realidade atual da Orientação Educacional.

Enquanto observamos o compartilhar de muitas concepções, percebemos que elas sinalizam as necessidades de um trabalho conjunto e coletivo. A orientadora educacional continua confinada a um lugar paradoxal de guardiã da ordem e promotora do desenvolvimento sócio-afetivo de cada aluno. Entretanto, pelas falas dos os alunos, vemos que, efetivamente, não se consegue atingir nenhum dos objetivos. A questão da resolução de conflitos e de problemas de indisciplina deve ser apenas mais uma vertente da atuação do orientador dentro da escola. As demandas emergenciais, principalmente no que tange à sua

ação como mediador de conflitos com relação aos alunos presente em todos os discursos, parece interferir com a função e com o tipo de trabalho de orientação educacional de caráter coletivo direcionado ao futuro.

Outra informação interessante a destacar é a constante relação família-escola. A necessidade de um trabalho conjunto parece estar próxima a segunda questão problema deste trabalho: Quais são os sentidos do trabalho da Orientação Educacional para a comunidade escolar? Constatamos um discurso fortemente apoiado no trabalho individual da orientação, inclusive nas crianças, que entende o trabalho do orientador junto aos alunos, às famílias e aos professores. Palavras como atendimento, acompanhamento, ir para a sala da orientadora, entre outras, revelam talvez o maior descompasso com as demandas sociais atuais. Não só o orientador educacional precisa fazer parte de uma rede social, de apoio e reflexão, de construção coletiva, mas também deve levar em conta as redes sociais em que se inserem os sujeitos alvo ou não dos “atendimentos”.

A ideia de que a Orientação Educacional é um processo sistemático parece ser de conhecimento da orientadora, mas diante das demandas emergenciais, principalmente no que tange à sua ação como mediador de conflitos com relação aos alunos, não é totalmente viável. É importante recuperar a referência à Lück (2008), onde o planejamento da Orientação Educacional resulta em delinear o seu sentido, os seus rumos, a sua abrangência e as suas perspectivas de atuação. É pelo planejamento que o orientador obtém um maior poder de regulação de suas ações pedagógicas e das situações, inclusive as emergenciais. Se não houver o diálogo e a escuta próxima, a inclusão de todos em função dos objetivos compartilhados para o futuro, dificilmente se conseguirá avançar para novos patamares educacionais.

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

De forma significativa, minha vida escolar contribuiu para que hoje eu me graduasse em Pedagogia e almejasse um futuro profissional na área. Tenho alguns planos e sonhos que me geram expectativa de uma ótima carreira no âmbito da educação. Esses sonhos possuem alguns caminhos diferentes como academia, escola, clínica, empresa ou hospital público e empresa particular, porém todos esses percursos possuem a mesma direção, de alcançar um progresso para a educação. A conclusão do curso de Pedagogia será o início de uma longa caminhada que farei durante toda minha vida pessoal e profissional.

Antes do curso já me familiarizava com o cunho psicológico das questões comportamentais do ser humano e agora com a finalização desses anos de estudo, continuo acreditando e me interessando pela vertente psicopedagógica da educação. Por isso, um dos planos é realizar cursos de pós-graduação em Psicopedagogia e em Neuropedagogia. Com essas duas pós-graduações pretendo abrir um consultório de psicopedagogia para atender crianças com dificuldades de aprendizagem.

Seguindo essa temática, almejo inserir-me no Mestrado e futuramente realizar Doutorado para cumprir com minha responsabilidade social de lutar por um futuro melhor para a educação e para a melhoria da realidade brasileira. Por meio de pesquisas e estudos científicos espero contribuir de forma positiva para um progressivo avanço do país.

Além de trabalhar na clínica psicopedagógica, pretendo atuar como professora regente no Ensino Fundamental. Acredito que seja fundamental na profissão de pedagoga a experiência como professora em uma sala de aula regular para prosseguir em qualquer área da Pedagogia. Além de atuar como professora, pretendo exercer função de Orientadora Educacional, papel do qual se trata todo esse trabalho monográfico e com o qual me identifico e acredito ser um integrante fundamental para mediar e orientar o cotidiano escolar.

Concretizada essa experiência, pretendo realizar outro sonho, o de ser aprovada em um concurso público na área da educação. Quanto ao concurso, espero que seja na secretaria de educação do Distrito Federal, na área de classe hospitalar, preferencialmente, no Hospital Sarah Kubitschek ou em alguma empresa que reconheça e valorize o trabalho do pedagogo.

Penso também em realizar outra graduação em Direito, pois me interessei por essa área quando fiz um semestre de curso preparatório para concurso público. Porém, desejo permanecer nos ramos da educação para contribuir de forma qualitativa na transformação da

educação. Assim, irei prosseguir e exercer a minha participação no propósito de uma educação de qualidade.

Tenho outro sonho de inserir no mercado uma empresa de apoio pedagógico que trabalhe com várias temáticas, como aula de teatro, música, reforço escolar e atendimento psicopedagógico, etc. A ideia seria uma empresa extraescolar que acolha a criança, proporcionando momentos de aprendizado e descontração e também que contribua para seu desenvolvimento educacional e psicológico.

Tendo em vista todos esses planos e todas essas perspectivas, creio que agora com toda minha experiência teórica e prática da pedagogia já tenho condições de assumir um cargo de professora regente para começar o início da minha jornada profissional. Todos os caminhos que quero percorrer são planejados, mas com fé, dedicação e competência eles serão realizados com êxito. Com isso, finalizo minhas perspectivas profissionais com a certeza de que seguirei uma trajetória de sucesso e com o intuito de fazer a diferença em qualquer lugar onde eu estiver.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniela. **Orientador Educacional: o mediador da escola.** REVISTA NOVA ESCOLA, Março de 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/orientador-educacional/mediador-escola-427372.shtml?page=all>>.

ALVES, Nilda & GARCIA, Regina L. **O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais.** 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BICUDO, Maria A.V. **Fundamentos de Orientação Educacional.** São Paulo: Saraiva, 1978.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LDB 9.394/96.

BRASIL. **Decreto nº 72.846. 26 de setembro de 1973.**

CAZELA, Graziela Francine. **A teoria e prática da orientação educacional: um estudo de caso.** Monografia de graduação. Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, Junho de 2007.

GIACAGLIA, Lia R. A & PENTEADO, Wilma. M. A. **Orientação educacional na prática: princípios, histórico, legislação, técnicas e instrumentos.** 6 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo:Atlas, 1999.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin. **A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LÜCK, Heloisa. **Planejamento em orientação educacional**. 20. ed. Petrópolis : Vozes, 1991.

MAIA, Eny M., GARCIA, Regina L. **Uma orientação educacional nova para uma nova escola**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1984.

MARTINS, José do Prado. **Princípios e métodos de orientação educacional**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1984.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Introdução à Orientação Educacional**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

NEVES, Maria Aparecida C. Mamede. (org.) **Orientação Educacional: permanência ou mudança?** Petrópolis: Vozes, 1986.

PASCOAL, Miriam; HONORATO, Eliane Costa; ALBUQUERQUE, Fabiana Aparecida. **A prática do pedagogo orientador educacional no ensino público do Distrito Federal** *In* Anais do 1º Congresso Internacional de Pedagogia Social, Março 2006.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre Educação de Adultos**. 13ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2003.

RIZWAN, Silvana (coord.). **A Orientação Educacional e a sondagem de aptidões**. São Paulo: SE/CENP, 1978.

\_\_\_\_\_ **Quem é o Orientador educacional?** REVISTA NOVA ESCOLA, março de 2003. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/orientador-educacional/orientador-educacional-424364.shtml>>.

\_\_\_\_\_ **O orientador educacional no Brasil** *In* Educação Revista, Nº 47, Belo Horizonte, Junho 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982008000100006>>.

## **ANEXOS**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação**Educacional na escola*

Gabriella Costa Fontes

Orientadora: Sandra Ferraz

Brasília, 30 de agosto de 2011

Senhor(a) Diretor(a),

A aluna Gabriella Costa Fontes, matrícula UnB nº 08/30283 é aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e está atualmente na fase final de seu curso, momento da realização do trabalho monográfico de conclusão de curso, denominado no currículo do curso de “Projeto 5”, sob minha orientação, Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

O programa do Projeto 5 tem por objetivo proporcionar ao nosso aluno em formação oportunidade de desenvolver um olhar investigativo sobre os processos escolares como forma de enriquecer a sua experiência de formação tanto no magistério em sala de aula como em pesquisa.

Sob a minha orientação, Gabriella tem o interesse de investigar os processos envolvidos nas práticas de Orientação Educacional, voltado para as concepções de alunos, família e professores em relação ao papel da Orientação Educacional. Por isso, ela gostaria de aprofundar mais essas questões por meio de um estudo empírico.

Apresentamo-nos a esta instituição no intuito de conhecer a realidade educacional e avaliar junto à direção e equipe pedagógica a possibilidade de realizarmos algumas entrevistas com os (as) orientadores (as) educacionais, professores (as) e alunos (as) e família para averiguar os sentidos do trabalho da Orientação Educacional na escola para essa comunidade escolar.

Desde já esclarecemos que o trabalho tem cunho investigativo focado no desenvolvimento dos processos subjetivos de uma forma positiva e construtiva, e que os procedimentos de pesquisa não oferecem nenhum risco ou prejuízo nem para a instituição nem para os sujeitos entrevistados. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas pelo número 84945116 e por meio do endereço eletrônico [sandra.ferraz@gmail.com](mailto:sandra.ferraz@gmail.com).

Atenciosamente,

Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
 Faculdade de Educação  
 Departamento de Teoria e Fundamentos  
*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação  
 Educacional na escola*  
 Gabriella Costa Fontes  
 Orientadora: Sandra Ferraz

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa sobre *as concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação Educacional na escola* realizado por Gabriella Costa Fontes<sup>1</sup>, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB n 08/30283, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire<sup>2</sup>.

O trabalho consiste em entrevistas e/ou questionários com o(a) orientador(a) educacional, com professores (as), alunos(as) e pais da escola sobre o tema. As entrevistas e questionários serão individuais e ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola. As entrevistas serão, preferencialmente, gravadas em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes das entrevistas, como forma de preservar a identidade de cada um.

**concordo em participar deste estudo**

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome do(a) participante: \_\_\_\_\_

RG ou CPF do(a) participante: \_\_\_\_\_

Endereço do(a) participante: \_\_\_\_\_

Telefone do(a) participante: \_\_\_\_\_

E-mail do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Endereços para contato: Gabriella Costa Fontes – [gabriella\\_costa\\_fontes@hotmail.com](mailto:gabriella_costa_fontes@hotmail.com);

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz – E-mail: [sandra.ferraz@gmail.com](mailto:sandra.ferraz@gmail.com).



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação*

*Educacional na escola*

Gabriella Costa Fontes

Orientadora: Sandra Ferraz

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

**Para menor de idade**

Meu nome é Gabriella Costa Fontes<sup>3</sup> aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 08/30283, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire<sup>4</sup>. Estou realizando uma pesquisa sobre *as concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação Educacional na escola*. Para isso, gostaria de solicitar sua autorização para realizar uma entrevista com seu (sua) filho (a).

Esclareço que as entrevistas individuais ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola; as informações pessoais de seu (sua) filho (a) serão preservadas, ele (a) não será identificado(a) no trabalho; não existe nenhum risco potencial para ele(a); qualquer dúvida em relação ao estudo você pode me contatar por meio do e-mail [gabriella\\_costa\\_fontes@hotmail.com](mailto:gabriella_costa_fontes@hotmail.com) e pelo telefone celular 61-99012829.

A participação de seu (sua) filho (a) é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

**( ) autorizo meu (minha) filho (a) a participar deste estudo**

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome do(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

Endereço do(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

Nome do(a) responsável pelo(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

RG ou CPF do(a) responsável pelo(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

Telefone do(a) responsável: \_\_\_\_\_

E-mail do(a) responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) responsável: \_\_\_\_\_

<sup>3</sup> Contato: Gabriella Costa Fontes – E-mail: [gabriella\\_costa\\_fontes@hotmail.com](mailto:gabriella_costa_fontes@hotmail.com);

<sup>4</sup> Contato: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz – E-mail: [sandra.ferraz@gmail.com](mailto:sandra.ferraz@gmail.com).



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação*

*Educacional na escola*

Gabriella Costa Fontes

Orientadora: Sandra Ferraz

**Roteiro de Entrevista com Orientadora Educacional**

1. Formação Profissional – Fale sua trajetória de formação. Tinha habilitação em OE? Como você se interessou pela área? E por que você está fazendo especialização em Psicopedagogia?
2. Papel da orientadora da escola- Qual o seu papel como orientadora dentro dessa escola? Você considera importante a escola ter um espaço específico para o OE? Por quê? Cite exemplos, casos em que a atuação da OE tem sido significativa.
3. Educação/aprendizagem - Em quais aspectos a Orientação Educacional pode ajudar à educação em si (no trabalho pedagógico com o professor e na aprendizagem do aluno)?
4. Como ela percebe a ideia que os pais, os alunos e os professores têm de OE.
5. Fale das crianças ou atendimentos atuais da OE. Como são esses atendimentos; quem são alvos dos atendimentos?
6. Como é a relação com a família dessas crianças?
7. Sugestões sobre as crianças que estão atualmente em atendimento e algumas que nunca fizeram atendimento.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação*

*Educacional na escola*

Gabriella Costa Fontes

Orientadora: Sandra Ferraz

**QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES(AS)**

*Caro/a professor/a,*

*O meu nome é Gabriella, aluna do curso de Pedagogia da UnB, e estou realizando minha monografia sobre o trabalho da Orientação Educacional na atualidade face às mudanças estruturais na escola propostas pela legislação atual. Por isso, gostaria de contar com sua colaboração respondendo ao questionário abaixo. O mais importante é que sua resposta seja MUITO SINCERA. Não é preciso se identificar. As respostas podem ser escritas no verso da folha e folhas avulsas podem ser adicionadas se necessário. Lembre-se de indicar na sua resposta, o número da pergunta correspondente. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição ao desenvolvimento desta pesquisa.*

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**Sexo:** \_\_\_\_ Masculino \_\_\_\_ Feminino

**Data:** \_\_\_\_\_

1. Em primeiro lugar, a partir do que você conhece, caracterize a atuação da Orientação Educacional na sua escola: o que a equipe de orientação educacional efetivamente faz?
2. Qual é a diferença entre orientador(a) e coordenador(a)?
3. Em que momentos e situações você interage com a(s) orientadora(s) educacional(is)?
4. Com relação à sua turma deste ano, tem havido situações em que você precisou contar com o trabalho da OE? Quando e como?
5. Como foi o resultado dessa intervenção?
6. Quais são suas expectativas sobre o trabalho da Orientação Educacional, ou seja, o que você acha que a Orientação deveria efetivamente fazer e como?
7. Como você vê a relação entre o trabalho pedagógico da OE e o seu trabalho pedagógico como professora?
8. Para a sua escola, qual a importância que a gestão da sua escola dá ao trabalho de OE?
9. De uma forma geral, defina o que é Orientação Educacional e suas funções nas escolas.
10. Para finalizar, você conhece a história da OE no Brasil e as especificidades da formação desse profissional da Educação? Se sim, liste objetivamente as principais informações que você detém sobre o assunto.



|  |
|--|
| <p><b>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA</b><br/>         Faculdade de Educação<br/>         Departamento de Teoria e Fundamentos<br/> <i>Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação<br/>         Educacional na escola</i><br/>         Gabriella Costa Fontes<br/>         Orientadora: Sandra Ferraz</p> |
|--|

### INFORMAÇÕES GERAIS DE PARTICIPANTES DA PESQUISA

|   |  |   |                      |                                     |
|---|--|---|----------------------|-------------------------------------|
| <b>Nome</b>   |  |   |                      |                                     |
| <b>Endereço completo</b>  |  |   |                      |                                     |
| <b>CEP</b>  | <b>Cidade</b>  | <b>Estado</b>   | <b>País</b>          |                                     |
| <b>Telefone</b>   | <b>Celular</b>   | <b>E-mail</b>   |                      |                                     |
| <b>Sexo</b><br>M    F   | <b>Data de Nascimento</b>  | <b>Idade</b>  | <b>UF de nascim.</b> | <b>Há quantos anos em Brasília?</b> |
| <b>Casada(o) _____</b><br><b>Solteira(o) _____</b>                              | <b>Filhos</b>  |   |                      |                                     |
| <b>Formação profissional (técnica e/ou superior) - curso e ano de conclusão</b> |  |   |                      |                                     |
| <b>Tempo de atuação profissional na educação</b>                                |  | <b>Há quanto tempo na escola?</b>   |                      | <b>Ano/série atual?</b>             |
| <b>Tempo de docência</b>  | <b>Outros cargos pedagógicos ou administrativos fora de sala de aula já realizados</b> |   |                      |                                     |
| <b>Caracterizar o trabalho da Orientação Educacional (3 palavras)</b>           |  | <b>Principais desafios da sua turma atual que precisam ser compartilhados com a Orientação Educacional (3 palavras)</b> |                      |                                     |

*Autorizo a utilização das informações acima providas por mim para fins de pesquisa acadêmica sabendo que minha identidade será plenamente preservada.*

|                   |                   |
|-------------------|-------------------|
| <b>Local/Data</b> | <b>Assinatura</b> |
|-------------------|-------------------|



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação*

*Educacional na escola*

Gabriella Costa Fontes

Orientadora: Sandra Ferraz

*Caro/as pais e responsáveis,*

*O meu nome é Gabriella, aluna do curso de Pedagogia da UnB, e estou realizando minha monografia sobre o trabalho da Orientação Educacional na atualidade face às mudanças estruturais que a legislação atual propõe para a escola. Por isso, pretendo mapear as concepções que todos os participantes do processo de escolarização têm sobre a Orientação Educacional da escola de seus filhos. Gostaria de contar com sua colaboração respondendo ao questionário abaixo. O mais importante é que sua resposta seja **MUITO SINCERA**. Não é preciso se identificar. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição ao desenvolvimento desta pesquisa.*

**I - Marque com um X uma das colunas do quadro de acordo com a seguinte escala:**

*1 – nunca 2 – algumas vezes 3 – frequentemente 4 – sempre NA – não se aplica NS – não sei*

|  |   | 1 | 2 | 3 | 4 | NA | NS |
|--|---|---|---|---|---|----|----|
| 1.   | Como mãe/pai/responsável, tenho contato com as orientadoras educacionais (OE) da escola de meu(s) filho(s)...         |   |   |   |   |    |    |
| 2.   | Meu(s) filho(s) é (são) encaminhado(s) para a OE ...  |   |   |   |   |    |    |
| 3.   | Sou chamado(a) pela escola para conversar sobre meu(s) filho(s)...  |   |   |   |   |    |    |
| 4.   | Meu(s) filho(s) faz (ou já fez) um trabalho de intervenção ou acompanhamento pedagógico com a Orientadora Educacional |   |   |   |   |    |    |
| <b><i>O trabalho de OE da sua escola se caracteriza por:</i></b> |   |   |   |   |   |    |    |
| 5.   | Atender alunos com dificuldades de aprendizagem   |   |   |   |   |    |    |
| 6.   | Atender alunos com indisciplina   |   |   |   |   |    |    |
| 7.   | Resolver conflitos entre alunos   |   |   |   |   |    |    |
| 8.   | Acompanhar o trabalho pedagógico dos professores  |   |   |   |   |    |    |
| 9.   | Auxiliar na gestão da escola junto à direção  |   |   |   |   |    |    |
| 10.  | Contatar as famílias quando a criança tem algum problema na escola  |   |   |   |   |    |    |
| 11.  | Realizar/promover encontros de educação familiar  |   |   |   |   |    |    |
| 12.  | Realizar as festas escolares e eventos comemorativos  |   |   |   |   |    |    |
| 13.  | Realizar projetos educacionais <sup>5</sup>   |   |   |   |   |    |    |
| 14.  | Divulgar a avaliação escolar  |   |   |   |   |    |    |

<sup>5</sup> Exemplo: projeto sobre sexualidade, projeto sobre saúde, projeto sobre ética, projeto sobre *bullying* etc.

**II - Nas questões abaixo, use o restante e o verso da folha para responder. Indique o número da questão que está respondendo:**

11. De uma forma geral, o que você acha do trabalho que a equipe de OE faz?
12. Se você marcou a coluna 2,3 ou 4 nas primeiras quatro questões do quadro anterior, relate sobre essa(s) experiência(s).
13. O que você acha que a OE deveria efetivamente fazer e como?

**III – Informações gerais:**

1. Filho(s) que atende(m) à escola: \_\_\_\_Meninos \_\_\_\_Meninas
2. Você é ( ) o pai, ( ) a mãe, ( ) Outro: \_\_\_\_\_
3. Sua idade: \_\_\_\_\_
4. Data: \_\_\_\_\_



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

*Pesquisa: Concepções de alunos, professores e família sobre o papel da Orientação*

*Educacional na escola*

Gabriella Costa Fontes

Orientadora: Sandra Ferraz

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COLETIVA COM CRIANÇAS**

**Número de crianças:** \_\_\_\_\_ → \_\_\_\_\_ Meninos \_\_\_\_\_ Meninas

**Idades:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_

**Duração:** \_\_\_\_\_

14. Quem é e o que faz a OE da escola?
15. Qual é a diferença entre orientador(a), coordenador(a) e sua professora?
16. Em que momentos e situações vocês encontram com a(s) orientadora(s) educacional(is)?
17. Há colegas de vocês que fazem algum trabalho especial com a OE? O que? Por que e para quê?
18. Seus pais já foram chamados para conversar com a OE? Se sim, quando e por quê?
19. Quais são os problemas que você tem na escola (aprendizagem, disciplina-comportamento, relações com colegas e professora)? Quando você tem algum desses problemas na escola, quem você procura? Aqui é importante que cada um fale tenha oportunidade de falar. **ESTA QUESTÃO PODE SER EXPANDIDA DA SEGUINTE MANEIRA:**
  - a) Como é a sua aprendizagem? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
  - b) Como é o seu comportamento na sala de aula? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
  - c) Como é a relação com seus colegas? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
  - d) Como é a sua relação com sua professora? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
  - e) Como é a sua relação com a OE (ou nome dela)? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
20. Para que serve a OE? E para o funcionamento da escola, para que serve a OE? **OU AINDA:** Por que você acha que as escolas precisam ter uma OE?